SC
938211 2
10/7

SC. P. 9.382 2
DEP. LEG.

MARIA ARADE

Eterna Luta

Tentativa para o restabelecimento do poder temporal do Papa

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. 86863

1923
OFICINAS GRAFICAS DE "O REBATE,,
Travessa da Agua de Flôr, 33, 1.º
LISBOA

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

PREFACIO

No tropel dos acontecimentos politicos, complicações e efeitos do mperismo dos governos conjugando-se em uma crise geral numa ualquer epoca da historia, pode o criterio racional do historiador ou o filosofo achar o pensamento causal da conflagração de tantas nergias. Esta visão critica tem de definir-se na transição de epoca ara epoca.

Assim, a tremenda catastrofe que se desencadeou em 1914 foi a epercursão de toda a falencia mental, moral e politica do seculo XIX ue ainda continuará até que o seculo XX entre em uma marcha rogressiva liberta das duas pandemias—militarismo e clericalismo.

O poder temporal e o poder espiritual são a designação capciosa esses dois poderes que se fundam na falta de ideal dos chefes e gnorancia das multidões, aliando-se por vezes e por vezes invadin-o-se.

Nesta perturbação permanente surgem de vez em quando as am-ições exclusivas ora do poder temporal sobre o espiritual, ora reacção ermanente do poder espiritual contra a esfera politica.

Toda a historia da Europa consiste no prolongamento deste con-lito.

Disse Shilley, o grande poeta inglês, que as guerras dos romanos as invasões dos barbaros germanos no seculo V foram as causas da ormação do cristianismo e sua Igreja.

Todas as vezes que a Igreja como poder duma corporação precisa irmar-se ou desenvolver-se, recorre sempre ás profundas agitações ociais explorando-as e promovendo-as.

Temos debaixo dos olhos o grande facto do *Terror* no fim da revo-ução francesa quando esta coroava a sua obra estinguindo o poder bsoluto dos reis e da Igreja, substituindo a acção pela sciencia.

A realesa caiu com a tomada da Bastilha, a condenação de Luís VI e a estinção dos jesuitas, os janisaros do Pontificado, e o seculo ssim liberto destes dois flagelos, desabrochou com o governo da epublica democratica caminhando para o regime da paz pelo regime o trabalho.

A Igreja precisava que esta nova ordem social da Europa moderna e perturbasse e tornasse inexequivel. Foi então que os jesuitas espul-

sos de Inglaterra como associação perigosa do *rito solar* vieram par França e prepararam o *Terror* afim de espantar as multidões pelo morticinios, pondo depois em acção o seu antigo discipulo Napoleã Bonaparte que veio restabelecer o regime dos curas, fazendo-se im perador, causando pelas suas ambições pessoais a coligação das poten cias do Norte formando a *Santa Aliança dos Reis contra os povos.*

Este fermento de dissolução veio produzir as guerras que esterili saram toda a acção progressiva do seculo XIX.

Ora exactamente no seculo XX começava a grande actividad industrial; as potencias batiam-se nobremente na aplicação pratic das grandes descobertas scientificas e a produção tornava-se um riquesa que daria á vida moderna um bem estar moralisador.

Predominava a rasão emancipando as consciencias do povo da crendices clericais.

Não convinha á Igreja que este regime continuasse. A questã Dreyfus foi a primeira tentativa para abrir o conflito entre a Ale manha e a França.

A guerra tornava-se um recurso economico para o militarism alemão; era preciso causar uma grande impressão no povo europe para mostrar que a razão humana era impotente para fazer o acord dos espiritos.

Foi então que o Kaiser aproveitou o abandono pela França, do logares santos da Palestina, como um meio de cair mais facilment sobre a Inglaterra, na India, e planear o ataque contra a França co o apoio da Austria catolica e da Espanha, sua sequaz.

E' por isso que diante de todos os crimes praticados nessa execrand guerra, a Igreja se mostrou completamente indiferente, não sendo «*religião da confraternidade*» como lhe chamára Leão XIII, mas u instrumento passivo deante do bombardeamento da catedral de Reim e a submersão de navios hospitais.

O proprio Benedito XV engulia caladamente toda a qualidade d crimes ainda mesmo contra a propria Igreja.

Qual foi o preço?

Foi uma esperança que se prova á evidencia neste trabalho histo rico, foi o drama e plano canibal que o justificam.

E' o desenrolar destes factos que a ilustre escritora e historiador desvendou no presente estudo em que se prova qual era um dos fac tores da guerra e que a Espanha, a Austria e a Alemanha tinham po fim restabelecer o poder temporal do papa como um dos meios mai seguros para a Igreja dominar o desenvolvimento da forma republican que está tomando a Democracia.

São provas historicas e não simples propaganda o trabalho que s vai ler.

Teofilo Braga

Este prefacio foi o ultimo escrito pelo erudito Professor Dr. Teofilo Braga

ESCLARECENDO

Na posse de documentos reveladores dum projecto do mais alto interesse para o espirito livre dos povos, documentos estes que veem elucidar factos passados na grande guerra e cujo sentido ficara obscuro ou ignorado, julguei do meu dever coordena-los, estabelecer a ligação entre eles e apresentar ao publico esse estudo de interesse mundial visto o assunto palpitante que se desenrola — *O restabelecimento do poder temporal do papa.*

São dados que teem de se consignar na historia, são a revelação da guerra lalente contra o progresso e constituem um salutar aviso aos liberais porque lhes mostram que sob a aparencia do clero, por vezes inofensiva, e até mesmo cordeal, quando é necessario, se oculta sempre o odio religioso, o mais feroz de todos, espreitando o momento em que se possa satisfazer, esmagando a sociedade que se liberta dos preconceitos ridiculos, acorrentando-a novamente ás suas ideias absurdas e retrogradas, vedando-lhe o caminho glorioso do progresso.

Dividimos este pequeno trabalho historico em duas partes: a primeira é um esboceto a largos traços de como foi estabelecido o poder temporal do papa e o que foi esse poder até 1870; a segunda trata das negociações diplomaticas para o restabelecimento desse poder, da elaboração do tratado, das suas clausulas e dos factos que o originaram e que intimamente lhe estão ligados.

Penhorada com a deferencia do nosso grande Mestre dignando-se prefaciar este modesto estudo, tomamos a liberdade de empregar as suas palavras, pois melhor do que nenhumas outras definem o caracter destas linhas:

> «São provas historicas e não simples propaganda o que se vai ler.»

Que ele traga algum ensinamento e estimule o espirito livre a não adormecer um instante na defesa do racionalismo e do livre exame, unica doutrina que pode encaminhar a sociedade moderna, é o meu unico desejo.

Maria Arade.

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

S. Pedro nunca esteve em Roma, não foi papa, não foi crucificado nem se chamava Pedro — A especulação da crença — Os padres mais poderosos do que os anjos — Fim da igreja democratica — Inicio do poder papal

O doce filosofo, Jesus de Nazaré, inclinára a cabeça dolorosa lançando o seu ultimo olhar—olhar de piedade por aqueles que tentára melhorar e não o tinham compreendido, sobre a cidade opulenta e ruidosa que se estendia lá em baixo aos pés do Golgota.

A' humanidade ficára apontado um grande caminho a seguir aproveitando a lição das ideias generosas do suave Rabi, aprendendo a firmesa de principios até ao ponto de morrer pelas ideias que se professam, se é certo que morreu pela ideia, e até mesmo se existiu...

Aos dose humildes que o Mestre chamava discipulos e se agrupavam junto dele até chegar o momento do perigo, que então trataram de se afastar para lugar seguro (como ainda hoje se continua a fazer...) ficava o encargo de espalharem pelo mundo as doutrinas que tinham aprendido de Jesus, todas baseadas em doutrinas identicas, anteriores ao que as compilára. (1)

Pedro, como os outros, seguia o seu rumo: a principio ficou por Jerusalem, depois foi até á Samaria, Lydda, Sarona, Joppe e Cesarea, donde voltou a Jerusalem. E morreu na Babilonia, pobre como pobre tinha vivido, sem ser pregado na cruz de cabeça para baixo, como querem fazer acreditar.

Mas como os padres cristãos sentem a necessidade de mentir sempre, inventaram que o pobre pescador tinha estado em Roma, onde ele nunca pôs os pés, e que fora o primeiro Papa, como já lhes tinham inventado o nome de Pedro, quando ele se chamava Simão... Simão Barjona, era o nome do que eles chamavam Pedro.

Mas deixemos esta intrujice porque elas são tantas que se as fosse-

(1) Ver *O Rebate* de 6 de Julho de 1923—*A Religião da Mentira.*

mos analisar todas teriamos de escrever grossos volumes, e vamos ve
o que se passou com os pseudo-continuadores de Pedro, aliás Simão.

O discipulo de Jesus, a quem se atribue erradamente a fundação d
papado, era um filho da plebe, pobre pescador, e timorato ao ponto d
ter renegado o Mestre quando viu as coisas mal paradas...

No seu habito de pobresa, e pelas lições do Nasareno, conservou-s
modesto e de gostos simples.

Os chefes da igreja cristã seguiram o seu exemplo: até ao seculo II
conservaram-se humildes e pobres e assim iam vivendo, um pouco ocu
tos porque o seu grupo umas vezes era tolerado outras perseguido.

O despertar da am bição.

Os que falsamente se dizem continuadores de Pedro começaram
ver que a doutrina nova podia ser uma boa fonte de receita e iss
aguçou-lhes o apetite e despertou-lhes a vaidade: desde o seculo III
espirito de orgulho, o vil interesse, manifestavam-se em todos os seu
actos.

O clero procurava transformar-se em instituição solida e discipl
nada. S. João Crisostomo dizia que os padres tinham recebido u
poder que não tinha sido dado aos anjos nem aos arcanjos!!

A forma primitiva da igreja, que fôra absolutamente democratic
recebia o primeiro gôlpe em 347, no concilio sardico. Começaram
manifestar-se as pompas, a sumptuosidade, o fausto e... os abusos.

Constantino, indo para uma batalha, viu uma cruz desenhada n
ar, circundada pela legenda *in hoc signo vinces*, mas a historia nã
diz quem preparou esse scenario. Todavia, sabendo-se a quem o fac
interessava não é dificil descobrir os autores... O estratagema de
resultado: o imperador converteu-se ao cristianismo declarando-o r
ligião do imperio, e cobriu de preciosas dadivas o *bispo de Rom*
nome que então era dado aos papas, sem todavia lhe dar a mais ins
gnificante parcela de autoridade soberana.

E' esta a versão que se epresenta com maior insistencia, todavia
nosso erudito mestre o dr. Teofilo Braga, apresenta o facto por outr
forma:

»Constantino ao determinar o estabelecimento de uma Religi
oficial protegida e imposta pelo Estado, hesitou entre o Mitraismo e
Cristianismo; preferiu esta porque tinha na soldadesca de que depe
dia o maior numero de crentes.»

Quando Silvestre foi eleito, recebeu do imperador Constantino u
riquissimo dote, havendo até quem julgue, mas erradamente, ter si
este o inicio do poder temporal dos papas.

O primeiro passo, o mais dificil, estava dado: um pouco de habil
idade e dentro de algum tempo seria num carro triunfal, coberto
loiro e pedrarias, que o Papa seguiria o caminho que o devia afast
cada vez mais daquele que fôra traçado pelo Nazareno, o pobre Jesu
de quem ele se diz o representante!

CAPITULO II

Uma carta caida do ceu — A generosidade de Pepino — Escandalos e crimes de Gregorio VII — Revolta de um espoliado — O papa, unico senhor do mundo — Crueldades de Gregorio XVI — Pessimo governo dos padres

A caminho do poder.

Sete seculos tinham passado sobre a tragedia do Golgota.

O Papa, rico, vivendo com ostentação, já mal se lembrava do tempo das perseguições, em que vivia miseravelmente, escondendo-se para escapar ao martirio; esquecera completamente as doutrinas de Jesus e no intimo chamava-lhe talvez pateta por se ter privado do conforto de que ele se rodeava.

Iam longe os habitos dos dois primeiros seculos do cristianismo em que «não havia representação alguma em pintura ou escultura, nem altares, nem cirios, nem incenso, nem agua lustral.» (1)

Mas com tudo isso o Papa ainda não estava satisfeito porque tinha de se contentar com o poder espiritual, e a ambição, o desejo do mando, andava a bulir com o que dizia seguir a obra do pescador...

O Papa Estevão II ameaçado por Astolfo, rei dos Lombardes e querendo vingar-se, recorreu ao miraculoso com que o clero intruja a humanidade: tratou de escrever uma carta como sendo autografa de S. Pedro, rogando a Pepino-o-Breve, rei de França, fosse com o seu exercito socorrer o pontifice, e mandou-a dizendo que tinha caído do céo, em Roma. «A carta era escrita em pergaminho, com caractéres de ouro; assinavam nela como testemunhas, alem de S. Pedro, a Virgem Maria, S. Rafael, S. Miguel, etc.» (2)

O Pepino acreditou e deixando todos os seus interesses e dos seus subditos lá foi servir o Papa, assim como serviu a igreja fazendo monges os seus sobrinhos para ficar de posse do reino que lhes pertencia...

Querendo levar mais longe a sua generosidade, Pepino ofereceu ao Papa uma parte do territorio conquistado obtendo do reconhecimento de Estevão que fosse a França para o sagrar rei, titulo que até então o pequeno Pepino (3) não usara.

Carlos Magno seguiu o exemplo de seu pai: foi um defensor do Papa e ofereceu-lhe terrenos que tinha conquistado no decorrer das varias batalhas em que ficou victorioso. (4)

Hildebrand, filho dum carpinteiro toscano, entrou como religioso na ordem de Cluny.

Era dotado duma ambição que só podia ser comparada á sua audacia. Conseguiu ir subindo na escada clerical mas ainda estava longe do que sonhára—ser Papa e senhor absoluto!

---

(1) J. D. Sines — *Jesus Cristo e a Igreja.*

(2) Entre outros: um maçon português — *Memorias em defesa da Maçonaria.*

(3) O cognome de *le Bref* foi dado a Pepino pela sua pequena estatura.

(4) Voltaire—*Diction. phil.*, contesta estas doações pois Giannone diz que *todos estes actos, instrumentos e diplomas foram forjados no tempo de Gregorio VII.*

Depoides lutar 25 anos conseguiu sentar-se na cadeira de S. Pedr
(como *eles* dizem...) com o nome de Gregorio VII se bem que para
conseguir, diz a historia, que envenenou sete Papas... Isso não o impe
diu de ter sido canonisado por Benedito VIII. Fóra de Roma é qu
ninguem reconheceu por santo o famoso Gregorio VII que levara a *asu*
teridade dos seus costumes ao ponto de ter estabelecido o celibato do
padres...

Enquanto esteve no poder todos os seus esforços foram para alcan
çar o poder temporal sobre os principes cristãos. E para o conseguir
correram rios de sangue em Roma!

Ora o frade Hildebrand, confessor da condessa Matilde, a gran
duquesa governante da Toscana, tinha passado de confessor a amant
e tão catolicamente dirigiu a sua *confessada*, que esta separou-se d
dois maridos por os não achar suficientemente dedicados á Santa Sé
A *virtuosa* senhora, em 1077 doava ao Papa uns territorios e trese ano
antes de morrer doou-lhe todos os seus estados.

O Papa-Re

O desejo de Hildebrand realizara-se: estava feito o Papa-Rei, a
igreja estabelecida em monarquia absoluta, temporal e espiritual, e o
Papa com um poder superior a tudo e direitos sobre o clero, os reis e
os povos. Gregorio VII proclamava: «o Papa póde dar e tirar, a quem
quizer, os imperios, os reinos e as posses de todas as honras, pode de
pôr os imperadores e desobrigar os subditos do juramento de fidelida
de, porque Deus deu ao Papa um poder absoluto sobre tudo e sobre
todos de todos os reinos deste mundo!» E para comprovar a sua pro
clamação, quando lhe apeteceu excomungou o imperador Henrique IV.

Mas o successor da condessa Matilde é que não se conformou com a
perda dos territorios que por hereditariedade lhe pertenciam e apos
sou-se de tudo não se importando com excomunhões, com proclamações
nem com a doação e o testamento, porquanto a soberana não podia
dispôr desses territorios,

O Papa, querendo segurar alguma coisa, fez-se humilde, parlamen
tou e conseguiu ficar ainda com uma parte magnifica — o patrimonio
de S. Pedro. (1) E tinha o que mais ambicionava — o mando supremo
a vitória final na celebre querela das *investiduras*, era o senhor abso
luto!

E como ele soube abusar da sua situação!

Crimes, lutas sangrentas, guerras, devassidão, a tudo a humanidade
de assombrada assistia, partindo do Papa-Rei, do *successor* de S. Pe
dro, do pescador Simão, o apostolo tão pobre como o Mestre queria e
que o seguiam! Esse amontoado de latrocinios era feito pelo represen
tante de Jesus Cristo, desse Christo que se podesse voltar á Terra...
se alguma vez cá esteve... empunharia novamente o azorrague par
expulsar dos templos esses outros vendilhões que infestam as igrejas
e teem deturpado propositadamente as suas doutrinas de paz, amôr
humildade!

E enquanto o fundador da religião cristã, segundo dizem lavava os
pés aos seus discipulos, os que se apresentam como seus continuadores
exigem que se lhe beije os pés, como *representantes* de Cristo!

Ignominia da humilhação!

(1) Voltaire—*Diction. Phil., donation.*

Jesus ensinava á sua igreja que «não formassem tesouros sobre a terra, que os que o quizessem seguir vendessem os seus bens e repartissem esse dinheiro pelos pobres, que não tivessem prata, oiro ou dinheiro nas suas cintas, mostrava-lhes que era mais pobre do que os animais selvagens que teem as suas tocas, e do que as avesinhas que teem os seus ninhos, emquanto ele não tinha mais do que as pedras do caminho para descançar a cabeça» (1) e o clero amontoava riquesas fabulosas, cobria-se de rendas e joias, vivia num fausto insolente, tinha o supremo poder temporal, quando Jesus dizia para «só aspirarem aos tesouros celestes», (1).

E a onda da ambição do poder e mando, crescia, crescia sempre! O soberano Pontifice era o unico senhor do mundo como o Papa Paulo IV exclamava em 1511. Rei dos reis, impunha-se ás consciencias por toda a parte, dominava os imperadores, subjugava tudo e todos á sua vontade, governava territorios imensos, senhor feudal com todo o odioso do despotismo, com toda a arrogancia do mando supremo que a si chamara, e não via erguer-se na sua frente o Progresso, esse colosso agitando o estandarte luminoso onde se lê a palavra—Avante! Punha ousadamente em pratica as palavras de S. Bernardo:—«As duas espadas, a temporal e a espiritual estão ao serviço da igreja; uma deve ser desembainhada pela igreja e a outra em defesa da mesma igreja, aquela pela mão dos padres, esta pela mão do soldado, mas guiada pelo clero.»

A vassalagem tornára-se tão dura, tão humilhante para espiritos que avançam e teem a noção da dignidade propria, que a revolta rugia em torno da cadeira de oiro, *a cadeira de S. Pedro*, de S. Pedro que calejára as mãos guiando a sua barca de pescador!

E tão ameaçadores se tornaram esses rugidos que o Papa Gregorio XVI digno sucessor de Gregorio VII, tentava sufoca-los notabilisando-se pelas crueldades que exerceu contra os patriotas italianos, como se notabilisou pelas suas enciclicas abominaveis e costumes desregrados, o que era frequente entre os papas... Dispunha como lhe parecia do direito que lhe outorgava a maxima de Santo Agostinho: «Tudo pertence aos fieis, os infieis não teem nenhuma propriedade legitima.» Roma estava fechada para a vida e para a luz—era do Papa, que a sua politica absolutista arrastava os seus Estados na miseria e no despotismo.

O italiano Nicolau Tommaseo, conhecido pela completa submissão á igreja catolica, descreve essa politica duma forma bastante interessante. Tiramos deste autor, absolutamente insuspeito dadas as suas joias a favor do clericalismo, alguns trechos:

«O que fizeram de Roma os seus bispos? Uma cidade sem industria, um territorio infecundo.

Ficaram desertos os seus campos; na sua atmosfera aspirava-se a febre e a morte porque os papas não tinham achado tempo de tornar salubre a campina romana.

A agricultura despresada; o escandalo no cimo á vista dos inimigos triunfantes e dos amigos humilhados. O governo clerical não sabe senão punir. Gregorio XVI mandou para o suplicio dois individuos inocentes do crime de que eram acusados. Não insistirei em dizer quanto é triste ver que, sob o reinado de um sacerdote o povo é mais

(1) Mateus, 6.º—20; 8.º—20; 19.º—21; 10.º—9.

agravado do que o seria por mil publicanos sem coração. Mas ainda h
coisas mais desanimadoras: basta pensar em certas fontes de receit
e no modo porque são exploradas... Tudo tem sido condusido em t
miseraveis condições que todas as calamidades se tornaram preferive
ao governo clerical. Esta religião que devia ser o apoio do faco opr
mido, faz-se cumplice do poderoso opressor. Entre todos os governo
italianos o dos padres é merecidamente declarado o peor por caus
dos seus pessimos resultados. Somos levados a preguntar se o Pap
com os seus festões e lusidas galas não será apenas uma diversão bo
para entreter creanças.»

Isto disem os partidarios deles, não se pode portanto atribuir a m
vontade nossa, má vontade que de resto não existe por ninguem qu
saiba ocupar dignamente o seu logar sem ir alem das suas atribuiçõ
nem querer prejudicar os seus semelhantes.

Mas nem o depotismo, defendendo com toda a crueldade um pode
inconcebivel, pode deter a marcha da civilisação, o caminhar da socie
dade o avanço da rasão esclarecida, porque tarde ou cedo a rasã
triunfa sempre.

CAPITULO III

Os amores de Pio IX—O papa e a maçonaria—Reaccionario pela influenc jesuitica—A fuga—O dogma da imaculada Conceição, a infalibilida- de e o Syllabus—Derruba-se o poder temporal—Carta de Vitor Ma- nuel—Vence o povo—Papa branco e papa negro

O reinado de Pio I

No trono pontificio sentava-se o Angelico Pio IX.

Este prelado, que amores infelizes pela condessinha Albani, qu depois casou com o duque Litta de Milão, tinham feito seguir a vid eclesiastica, mostrou-se sempre acentuadamente liberal enquanto se guiu os varios cargos da igreja.

A ferida do coração e o sacerdocio não lhe impediram os devaneio amorosos tendo sido notorias as suas aventuras galantes com a con dessa Galleti e com a sedutora Clara Colonna.

O seu reinado foi iniciado por actos liberais; os mais ardentes pa triotas organisavam homenagens ao chefe da Igreja, o proprio Mazzin chegou por instantes a confiar na ação do liberal pontifice. Corre mesmo a noticia, bastante curiosa, de que S. Santidade se tinha tinh filiado na Maçonaria e na Carbonaria, existindo um retrato em que s vê Pio IX tendo sobre as roupagens pontificias as insignias maçonica do grau mais elevado.

Até mesmo «Floquet, na tribuna francesa, reproduziu contra Pi IX a acusação de ter traido a Maçonaria» mas não existe unidade n indicação da loja em que teria sido iniciado.

Singular maçon seria na verdade aquele que chamava á Maçonari *sinagoga de Satanaz* (1) e *sociedade perversa, ruina da sociedade hu mana*. (2)

---

(1) Bispo de Olinda—*A Maçonaria e os jesuitas.*

(2) Monsenhor Amandio José Fava—*O segredo da Maçonaria*, alo cução pronunciada no Consistorio secreto a 25. IX-1865.

Durou pouco o liberalismo do vigario de Cristo: atemorisado pelos jesuitas e pelos conservadores, tornou-se um reaccionario feroz tendo sido um dos prelados mais intransigentes e retrogrados que teem passado pela cadeira de S. Pedro.

Procedeu de tal maneira que o povo, por quem tinha sido tão ovacionado, assaltou-lhe o palacio e o Angelico Pio IX, aceitando o plano de Harcourt fugiu disfarçado em secular «de braço dado com a sua formosissima amiga a condessa Spaur.»

Querem os catolicos mascarar este facto dizendo que ele fugiu com o conde Spaur e tão bem teem espalhado a lenda que até o erudito escritor, o nosso Heliodoro Salgado, caiu no laço e reproduz essa versão. Mas o documento romano que temos presente e se refere a esse facto não deixa duvidas: «travestito da secolare al braccio della sua bellissima amica, la contessa Spaur.»

De Gaeta, onde se refugiou, pediu o auxilio de varios estados e fez inundar Roma do sangue generoso dos liberais.

Restabelecido por traição o poder do papa-rei, a reacção tornou-se tão violenta que em Paris, o representante inglês, lord Clarendon, declarava:

—«O governo pontificio é um oprobrio para a Europa!»

Marcando a sua intelectualidade acanhadissima, ou o terror que os jesuitas lhe tinham sabido inspirar, proclamou o dogma da *Imaculada Conceição e da Infabilidade do Papa*, violentamente combatido no concilio pelo bispo Strossmayer, e deixou alem de enciclicas estupendas o famoso *Syllabus*... onde entre outros absurdos é lançada a maldição a todos aqueles que entendem ser justo permitir-se, em paises catolicos, o culto proprio a estrangeiros que aí residam e sigam outra religião; lançado o anatema aos que dizem que a Egreja já não tem autoridade para usar da força e que deve tolerar os *erros* da filosofia; excomungados todos que julgam a humanidade livre e cada um podendo seguir a religião que lhe aprouver e a sua rasão lhe diga que é a verdadeira; excomungados todos os que entendem que na epoca actual o Estado não deve aceitar como unica a religião catolica e excluir todas as outras, e—oh! estupidez suprema, teimosia inveterada!—excomunhão a todos que digam o Papa poder e dever reconciliar-se com a civilisação moderna!! Não precisava mais do que este ultimo artigo para definir a pessoa que o subscreveu e a intransigencia da seita que chefiava!

Chegára-se ao auge do desespero suscitado por tantas infamias.

A 24 de Novembro de 1868, apesar das suplicas de toda a gente para que fosse comutada a pena aos pobres condenados, o *Angelico* Pio IX, fazia cair a cabeça de José Monti e Caetano Tognetti.

Existe uma gravura da epoca representando o Papa com os seus gatos, na cabeca uma especie de barrete de dormir, na mão o machado do carrasco, ao lado o cepo, um pé sobre a cabeça duma das suas vitimas e erguendo pelos cabelos a cabeça da outra escorrendo sangue e que ele contempla com um sorriso de satisfação e triunfo. Foram essas cabeças as ultimas que fez cair.

O clarão da liberdade

1869. O Papa anunciava o concilio œcomenico em Roma. Como protesto José Ricciardi preparou em Napoles um *anti-concilio* para a

mesma ocasião, com um programa rigorosamente racionalista. Era o desforço do livre pensamento.

Ao concilio œcomenico o povo italiano respondia num rasgo de epopeia marcando nas paginas da historia a data mais bela que a liberdade do espirito regista: 20 de Setembro de 1870.

Nesse dia, o trono arrogante e insolente dos papas caiu ao grito de liberdade que a Italia soltava. Pela brecha da Porta Pia irrompia em Roma o povo vitorioso emancipando o mundo da tutela religiosa e realisando a unificação da Italia, primeira pedra do gigantesco edificio que é atualmente a sua nacionalidade, gloria do genio latino. O povo, que tão devotadamente derramára durante longos anos o seu sangue pela causa da liberdade e da Patria, via enfim, consagrado esse esforço redentor graças á sua dedicação e á individualidade inconfundivel das quatro figuras que tão bem o tinham encaminhado: Mazzini e Cavour, Vitor Manuel e Garibaldi!

Era o braço tremendo de Garibaldi que agora expulsava os vendilhões do templo, era o famoso Mazzini que punha em pratica a frase de Jesus—«Humilhai o que se exalta».

Generosos como todos os idealistas, os patriotas italianos tinham previamente determinado reservar a cidade Leonina onde o papa poderia continuar a exercer o poder temporal.

As instrucões terminantes eram: «as tropas, qnando entrarem em Roma, não ocuparão a cidade Leonina».

Na *Ordem do dia*, n.º 21, do Comando Geral do 4.º corpo do exercito, a 19 de Setembro de 1870, estava consignado: «Não se deverá ocupar a cidade Leonina compreendendo o castelo de Santo Angelo, Monte Vaticano, Monte Gianicolo até ao circuito Aureliano, que vai da Porta de S. Pancracio até ao Tibre».

Vitor Manuel, na carta dirigida a Pio IX escrevera: «...O chefe do catolicismo conservará na margem do Tibre uma sede gloriosa e independente de qualquer soberania humana».

Os habitantes dessa parte de Roma, que tinham trabalhado tambem ardentemente para a tão almejada emancipação, é que não se conformaram vendo que teriam de continuar debaixo do detestado poder do Papa e fizeram o que as populações oprimidas fazem—insurgiram-se!

E tão violenta foi essa insurreição que o pontifice se viu obrigado a implorar o auxilio das tropas invasoras para que fossem reprimir a desordem dos seus Estados.

Aplacada nessa ocasião a revolta, em 2 de Outubro estalava ainda mais violenta: o povo, sempre o generoso e liberal povo! declarava terminantemente não querer estar sob o dominio papal.

Foi preciso recorrer ao plebiscito mas não houve discordancias, os habitantes da cidade Leonina, todos em massa, dirigiram-se para a praça Pia declarando por unanimidade não quererem o Papa como seu rei. Não houve um unico voto em contrario!

Depois, silenciosos para mostrarem que procediam serenamente encaminharam-se para a Junta Provisoria e aí impuzeram a sua determinação.

O povo salvava das garras pontificias esse lindo bairro onde ainda se exercia o dominio funesto, e dava ao poder temporal do papa o ultimo golpe.

.....

Mas o papado não perdôa essa derrota e luta na sombra, com o

seus formidaveis exercitos negros, as suas legiões vestidas de sedas e casacas, terminadas as dissidencias entre o papa branco e o papa negro, unidos ambos para o mesmo fim, lutam, lutam sem cessar para reconquistarem o poder que se desfez!

Como eles mostram assim que o lado espiritual da sua comedia é tão fraco, assenta sobre bases tão efemeras e falsas, que teem de se agarrar ao poder temporal para valerem alguma coisa! Cobiçam todos os bens da terra quando Jesus disse: — «O meu reino não é deste mundo!»

Pobres histriões que não vêem agonisante a sua mentira, e que a mascara lhes caíu!

As doutrinas de Jesus, as bases absolutamente democraticas e altamente humanitarias da sua Igreja, apesar de não serem todas dele, poderiam ainda hoje necessarias e de actualidade, mas a Igreja, dos papas e a Roma dos papas tem fatalmente de caír: o seu tempo passou!

A religião cristã, copiada de outras religiões mais antigas e que já desappareceram, tem de seguir o mesmo caminho e desaparecer tambem com o evolucionar dos tempos. Hoje uma nova luz ilumina o horizonte do futuro — é a luz da Sciencia!

E essa luz ilumina com todo o seu fulgor a unica religião que subsiste e porque pode resistir a todas as observações porque é a propria observação dos factos — é a religião *racionalista*, é a religião do *livre exame!*

As outras, as religiões dos dogmas e das fantasias, vão-se esbatendo no passado e deixando apenas uma recordação que poderia ser agradavel olhando-as pelo seu lado de alguns principios civilisadores em tempos primitivos, mas que infelizmente é tragica porque os clarões das fogueiras da Inquisição iluminam tantos crimes, tantas mortes feitas em nome de um Deus tão furibundo, que esse passado se estate entre ondas de sangue que ainda escorrem sobre esta pobre Terra tão inculta, tão atrazada, porque o tempo que se deveria gastar em pesquizas scientificas e em educar os povos tem sido empregado a... mandar vitimas para os variadissimos ceus das variadissimas religiões que teem devastado o mundo!

Dessa religião que foi onipotente e ogora agonisa e se despovoa mas que ainda esbraveja na ansia do moribundo a agarrar-se á vida, não ficará dentro em pouco mais do que a frase de Santo Ambrosio Versiculo X, 23 — «Passou, fazendo o mal!»

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

voca-se Deus para cumplice de crimes — O papa incita a guerra — O clero ao lado dos imperios centrais — Ligações do papa com a Austria — Pio X protege a politica austriaca e os cardeais alemães — E' condenada a lei da separação — O papa repele Merry del Val — Morte misteriosa

O desencadear da tormenta

Amontoavam-se as nuvens da procela.

Ouvia-se o rugir da tempestade longiqua semelhando o troar do ca-ão...

Um silencio angustioso e tragico estendia-se pela Europa que an-sa esperava a todo o momento o desencadear das represalias.

Estava ainda quente o sangue derramado em Sarajevo...

Parecia que esse sangue aumentava, corria cada vez mais, alas-ando pelo sólo, cobrindo vastos campos, envolvendo tudo num medo-o sudario vermelho...

O espanto e o receio dominavam todos na espectativa duma trage-a horrorosa sem todavia se prever as proporções tremendas, unicas historia, que essa tragedia tomaria e que esse sudario vermelho que começava a desenrolar envolveria nas suas dobras ensanguentadas da a Europa...

Subito estalou a noticia que se temia e esperava: a Austria decla-va guerra á Servia.

O imperador Francisco José, profundamente catolico-apostolico-ro-ano, a quem o Papa chamava «o nosso santo Imperador», não hesitou exterminar o povo servio invocando para isso a cumplicidade de eus. Quando essa resolução foi tomada, Francisco José proclamava e tinha a plena consciencia da sua responsabilidade perante Deus e rescentava: — «Entrego-me ao Todo Poderoso que dará a vitoria nosso exercito.»

Começa aqui a repugnante atitude clerical perante a catastro
que se iniciava. O papa, a camarilha vaticanesca, o alto clero, a legiã
dos jesuitas, os simples prelados que se limitam a seguirem a opiniã
dos seus superiores, mantiveram sempre a mesma *neutralidade* indif
rente para o mundo devastado, escandalosamente parcial para os i
perios centrais.

Aparece tragica, revoltante de cinismo a atitude do *representan*
de Jesus Cristo porque se ele tivesse querido, teria evitado a guerr
Mas pelo contrario, favoreceu-a! A 26 de Julho de 1914 o barão
Ritter, adido alemão no Vaticano, mandava ao governo bavaro um t
legrama oficial que começa precisamente pela declaração: **O Papa apr
va uma acção anergica da Austria contra a Servia.**

A Servia sendo uma nação ortodoxa, tinha contra si os *santos* m
nistros do Senhor visto que dada a sua religião não podia servir
interesses de Roma. Pelo contrario, havia ligações entre o Papa e
Austria, consequencia de Pio X ter sido eleito por intervenção da Em
baixada Austriaca.

Oh! Cristo! Que maquiavelicos planos se urdem dentro das par
des onde vive o teu Vigario!

Que tenebrosas maquinações se forjam nesse opulento Vatica
onde segundo a tua doutrina só deveria ser tratado o lado espiritual

Era ostensivamente que outr'ora os papas destronavam reis, derr
bavam imperios, moviam exercitos; hoje, desfeito o poder temporal, a
na sombra que se premeditam os golpes d'estado, que se agita a pol
tica mundial, que se urdem os mais espantosos e imprevistos acontec
mentos, que se atiram uns d'encontro aos outros exercitos numeroso
nações inteiras!

E' o criterio acanhado e ambição louca, a pretenderem dominar o
mundo inteiro!

Pio X e a guerr

Pio X, subindo ao trono pontificio, mudou a politica do seu ant
cessor: Leão XIII fôra amigo da França, o papa Sarto por ligações
estabelecidas, por reconhecimento á sua eleição patrocinada pela Au
tria ou mesmo pelo seu proprio sentimento, era para os imperios ce
trais que se inclinava, cobrindo d'honras e atenções os cardeais au
triacos e alemães. Guilherme II e von Bulow *deixavam por recipro
dade* os jesuitas tomarem posições no imperio organisando as suas fo
ças de camaradagem com as do soberano.

Carlos Malato em 1916 demonstrou o papel que os jesuitas da co
te de Viena tinham desempenhado na declaração da guerra e a part
tomada pelo papa.

Os imperios centrais, querendo dominar absolutamente dentro d
Vaticano, impuseram ao papa como secretario Merry del Val que lh
servia de capa e intermediario, para os jesuitas e cardiais alemã
fazerem a politica do kaiser.

Sempre o papa negro a esconder-se por traz do papa branco q
ele defende ou ataca conforme as suas conveniencias. Sempre essa f
gura envolta no luto eterno, cingida por roupagens tão negras com
os seus designios, acobertando-se com o papa que tem sido em tod
os tempos para os jesuitas o instrumento o prisioneiro ou o adversá
rio conforme os casos, apesar deles afirmarem que apenas o defende
e servem!

No «Panegirico de Santo Inacio» Mr. Touchet insurge-se contra a expressão *papa branco e papa negro*. Segundo ele só existe um papa que é o branco. Mas acrescenta que «junto do papa branco se conserva de pé, vestido de negro, um primeiro soldado. Este primeiro soldado... é o geral da Companhia de Jesus».

Mas este soldado, fazendo sentinela junto do papa é o espião terrível de todos os seus gestos. E para que nem mesmo o pensamento escape á tenebrosa seita, tratam de lhe empurrar para confessor um dos seus, como recentemente fizeram com o atual papa a quem impuzeram para confessor o padre Rosa da Companhia de Jesus.

O tal *soldado* está sempre na espétativa para vêr se as suas hostes devem lançar no combate pelo papa ou contra o papa,

Santa gente!

A sua vigilancia sobre Pio X não esmorecia um instante...

O momento era critico e o chefe da igreja catolica, que primeiro auxiliara os designios de Francisco José ignorante talvez a selvageria que se ocultava no fundo, ao saber da invasão da Belgica, percebe que o tinham ludibriado, teve uma scena violenta com Merry del Val, expele-o e resolve ir ao *front*, lançar-se entre os dois exercitos.

Mas os *meneurs* da guerra, da guerra desencadeada pela reacção clerical, alarmaram-se com a espetativa desse gesto que lhes vinha destruir os planos. Os cardeais desenvolveram toda a sua habilidade para reter o pontifice, o que tiveram bastante dificuldade em conseguir, seja dito em abono da verdade.

Mas esse designio mostrou aos interessados que não podiam contar inteiramente com Pio X...

Nos conciliabulos vermelhos dos principes da igreja, os servidores dos imperios receiavam a todo o momento um golpe dado pelo papa que fizesse cair as armas das mãos dos soldados.

Entre o papa e a Austria as relações tornavam-se cada vez mais tensas!

Quando o embaixador austriaco pedia ao Sumo Pontifice para abençoar as armas do seu senhor, Pio X respondeu-lhe: — «Eu abençoo a paz, não abençoo as armas».

A invasão austro-alemã progredia com o seu cortejo temeroso de massacres e violencias. O papa, arrependido do que fizera, parecia ouvir a sua maldição nos gemidos das vitimas. Horrorisado pensava na maneira de fazer terminar o medonho flagelo que ajudára a desencadear. Resolve-se: escreveria a Francisco José para que «puzesse fim á chacina de cristãos por cristãos» e tendo estudado o assunto mandara-lhe dizer o que deveria fazer para isso.

Em pleno parlamento, em França, no dia 2 de Julho de 1919, Jean Jaurès fazia a leitura desta carta perante uma assembleia tumultuosa.

Eram boas as intenções do prelado, seriam proficuas as medidas indicadas mas para pôr o assunto em andamento seria necessario que a vida não tivesse faltado a Pio X...

Uma morte misteriosa

No meio desse jogo desvairado das ambições, entre a purpura dos cardeais alemães e austriacos e a sotaina negra dos jesuitas, deslisava subtil e astuciosa a figura de Merry del Val, o cardeal que tanto

combateu a nossa formidavel lei da separação do Estado e das igrejas, chegando a dizer, segundo referiu o *Daily Mail*, que essa lei era «absolutamente inaceitavel!»

Sim, talvez, cortava-lhes a acção e porisso teem conseguido manejar os outros de forma a esfarrapa-la...

«Merry del Val e a companhia de Jesus colocavam-se do lado oposto a todos os cidadãos livres» (1) para condenarem a gloriosa lei do grande estadista Afonso Costa declarando que «o regime era muito mais tiranico do que o seu congenere francês».

Pio X vendo, mas infelizmente bastante tarde, que ha muito era o joguete dessas forças poderosas—os imperios centrais e os jesuitas de quem Merry del Val era o delegado junto dele, afasta-o e chama para o seu serviço Ferrata.

Pobre imprudente! Como se a companhia de Jesus perdoasse a alguem que lhe frustre os planos!

Como se a espionagem alemã desarmasse por um momento!

Pio X vai excomungar o imperador da Austria.

O golpe temido pela camarilha vermelha vai ser vibrado... Os interesses em jogo vão cair por terra—é a derrocada do sonho, é o quebrar da escada pela qual pretendem chegar ao apogeu do mando...

O braço do Pontifice ergue-se para lançar a ex-comunhão, mas esse braço cai inerte paralisado pela rigidez da morte subita, da morte misteriosa...

A ex-comunhão não chegou a ser lançada, a resposta á mensagem secreta que o Papa mandou a 6 de Agosto de 1914 ao imperador da Austria não chegou a ser recebida...

.....

Para se livrar de perseguições, para escapar ao assedio constante, para se furtar a luctas, para não ver o tremedal que se estendia no seu palacio, irritado, querendo pensar pela sua cabeça e proceder pela sua vontade, o Papa encerrara-se com Ferrata esperando a resposta á sua mensagem secreta.

Uma porta abre-se... No limiar surge altivo e desconfiado o cardeal Merry.

Respeitosamente Ferrata dispunha-se a sair mas por deferencia ou talvez mesmo para evitar o ficar só com o delegado das formidaveis potencias que o esmagavam, Pio X quiz fazer de Ferrata a barreira que impediria o assalto de Merry del Val e reteve-o junto de si.

Despeitado, arrogante, Merry del Val declarou:—«Então sou eu que devo sair!«

.....

Extraordinaria coincidencia:—Nessa mesma noite o Papa adoecia.

Três dias depois, aquele que ia lançar a excomunhão sobre os tragicos invasores, estava morto!...

Ignora-se de que morreu o Pontifice...

Os proprios catolicos diziam que Pio X tinha morrido de desgosto por constatar que ao fim de quinze dias os imperios centrais não eram vitoriosos...

CAPITULO II

Violação do conclave — A' Alemanha faz eleger Benedito XV — Os venenos no Vaticano — Ferrata a caminho do ceu — Creado, espião e assassino — Funesta chavena de café — Missão de monsenhor von Gerlach — Julgamento do chefe da espionagem "boche" — Identifica-se um espião

Interesses em jogo

Morto Pio X em ocasião tão oportuna para os interesses dos imperios centrais, reuniu o conclave a fim de eleger o novo Papa.

Oh! o singular costume a que o governador de Viterbo teve de recorrer para obrigar os cardeais a elegerem o chefe da igreja católica! E' que havia três anos as pacificas creaturas lutavam sem haver meio de se entenderem sobre a escolha do pontifice e ele encerrou-os até se decidirem.

O remedio foi tão eficaz que o novo papa estabeleceu como lei o encerramento dos cardeais sempre que tivessem de eleger o seu chefe.

E desde 1271 assim se procede, mas os principes da igreja habituaram-se ao *castigo* e mesmo fechados continuaram a demorar-se tanto, a fazerem tal questão na eleição papal, que foi preciso recorrer á redução progressiva da sua lauta mesa a fim de os fazer despachar. Quando chegava ao 8.º dia os cardeais encerrados estavam reduzidos ao pão e ao vinho.

Mas essa prática foi esquecendo e o rigoroso encerramento dos eleitores vai talvez esquecendo tambem...

Pelo menos o estarem fechados á chave não impede que pelas fechaduras possam entrar moscas, mosquitos, papeis, ordens e... tudo aquilo que seja preciso ou conveniente entrar...

Já no conclave de 1829 os jesuitas *manobravam* de maneira a poderem estabelecer comunicações.

Chateaubriand, escrevia de Roma o seguinte, referindo-se a esse facto:

«Esta manhã descobriu-se que um cardeal se correspondia por sinais com os jesuitas que se encontravam num jardim da Companhia situado em frente do edificio do conclave. Pensou-se expulsa-lo para exemplo mas optou-se pela indulgencia a fim de evitar o escandalo.»

... E todos os crimes da seita se ocultam... para evitar o escandalo...

E todas as eleições papais se assemelham tanto que no ultimo conclave, onde foi eleito Pio XI, se atribuia grande actividade ao P. Lodochowsky, geral dos jesuitas, para influir a favor da tese intransigente. Dizia-se mesmo, e o papa negro o reconhece, que ele tinha frequentes entrevistas com os cardeais e procedia de acordo com Merry del Val.

O geral da Companhia defendeu-se, mas vagamente, com esse tom ambiguo que nada diz e é tão peculiar entre eles, dizendo mesmo que talvez deixasse Roma para não continuarem a falar dele; que pretender intervir na eleição do papa seria uma falta grave aos deveres da Companhia...»

Os deveres da Companhia que tem por lema: — todos os meios são bons para chegar aos fins! — E se os acusam, eles teem o cuidado de

responder pesando, medindo, analisando todas as palavras de forma a que possam ser interpretadas conforme as necessidades que vão surgindo de momento.

Mas o que é certo é que a Companhia de Jesus procura sempre fazer eleger para o papado o seu candidato o que lhe simplifica extraordinariamente os meios de acção, pois nesse caso o papa branco e o papa negro estão por tal forma ligados que fazem um só e do que se passar não se atribuem as culpas á Companhia mas sim ao papa.

Alem dos entendimentos que podem haver com o conclave ha ainda os conclavistas que se encerram tambem acompanhando qualquer cardeal para o servir, e que tanto podem ser eclesiasticos como laicos.

Não era portanto dificil a apuradissima espionagem alemã que em toda a parte, em todos os meios se introduzia, entrar tambem no conclave...

O abade Daniel, pessoa que pela situação que ocupava conhecia bem todos os meandros vaticanescos, faz no seu interessante livro — *Le baptême du sang*, curiosas revelações acerca desse conclave reunido em plena conflagração europeia.

Segundo ele a eleição de Benedito XV foi um expediente estrategico, Roma uma posição importantissima que os alemães tomaram de assalto e venceram pela força.

Se não foi pela força das armas foi pela força da astuciosa espionagem boche e pela força diplomatica...

Nitidamente o abade Daniel o revela: «Os embaixadores dos imperios centrais exerceram pressão sobre o conclave para que fosse eleito Benedito XV.»

Era um instrumento poderosó e docil que serviria o jogo da firma Guilherme, Francisco José & C.ª de Jesus. Para o ter seguro bastaria lisongear-lhe a vaidade e acenar-lhe de longe com a presa tão apetecida... e disputada durante longos seculos...

Acorrentarem-no aos seus interesses fazendo com que fossem delle tambem, mostrarem-lhe que a partida ganha por eles lhe daria farto quinhão, não foi dificil.

De resto não era muito o que lhe exigiam: conservar-se neutro... ao lado dos imperios centrais.

Para o fazer bastava não ter consciencia, não ter o sentimento de humanidade, não ter coração. E tudo isso eles abandonam quando se tornam os serventuarios da famosa divisa: *Ad Majorem Dei gloriam* que no fundo não é mais do que—*Ad Majorem Ordinis gloriam*.

Igreja, morte e espionagem

A morada dos papas, a residencia suntuosa do Supremo Pontifice da religião de *paz e amôr*, está habituada a vêr deslisar entre as tapeçarias preciosas, os brocados e as sedas, os pequeninos frascos que fazem mudar rapidamente acontecimentos que se preparam.

Não foram só os Borgias que infiltraram nessas vetustas paredes os venenos subtis que *suprimem* sem o espalhafato do sangue, o ruído dos tiros, ou o melodrama do punhal...

Varios papas teem morrido de forma *misteriosa* ou pelo menos de doença pouco explicita, de diagnostico dificil... Só Gregorio VII exp

iu sete e escolheu para si o mesmo numero, talvez em honra da faça-
-ha...

E por essa forma rapida e suave iam nos braços da morte até ás
-giões maravilhosas do ceu. Por vezes eram depois canonisados pela
-cilidade com que tinham obedecido, e canonisados igualmente os que
encarregavam de os expedir...

Tantos crimes se teem perpetrado entre os sagrados muros do Va-
cano, em que o veneno entra como agente prático e subtil, que o cha-
eiro do ceu, já não se admira de os vêr aparecer inesperadamente e
atendo-lhes no ombro, depois de inquerir, se foi a cocaina, a bela-
ona, a delfinina, a *aqua tofana* ou algum liquidosinho de formula se-
reta que se encarregou de os transportar para lá, diz-lhes invariavel-
ente:

— Meu velho, andasses com as redes num barco para ganhares a
ida, como eu... Andaste de palanque ás costas dos outros, puzeste
a cabeça um chapeu com três rodélas de ouro, vestiste sedas e da-
-ascos, aí tens o resultado...

«A minha grossa tunica de pescador não te servia... Pois quem
uer luxo que lhe custe...»

Mas não só os papas como varios dos seus acolitos teem ido pelo
esmo caminho...

Quando o padre Juliano visitou as famosas prisões do Pagliano
nde Sua Santidade fazia encerrar as suas vitimas, não poude disfar-
ar a colera provocada pela dolorosa impressão do espectaculo horro-
oso que se lhe deparou, vendo a maneira *angelica* como o Angelico
io IX tratava os infelizes que lhe caíam nas *angelicas* e *santissimas*
arras. Pois para ele estar quiétinho e não falar muito, lá foi a bela-
ona procurar leva-lo para o ceu. Frustrou-se o golpe mas... não foi
or má vontade do executante... Para se não perderem as tradições
ontinua o mesmo sistema...

*

Eleito Benedito XV, eleição a que a politica presidiu, o pontifice
omou Ferrata para seu secretario, ou por irreflexão ou com duplo
ntido...

Oh! tremendo erro! Aceitar o logar de secretario do Papa tendo
ido a causa de Merry del Val saír despeitado do gabinete de Pio X!

Ainda Ferrata!

Mas... era simples, muito simples. Ferrata ocupava o logar de se-
retario do chefe do catolicismo? Pois dar-se-lhe-ia um logar supe-
ior: iria para o ceu desempenhar as suas funções. Lá continuaria o
eu antigo logar junto de Pio X, que fôra mandado mais cedo...

Pobre Ferrata que não compreendia que a scena passada com Mer-
y del Val despertára contra ele o odio do poderoso delegado da tene-
rosa firma «Guilherme, Francisco José & C.ª de Jesus!»

E não sabia que a sua presença no cargo para que fôra nomeado
ontrariava os interesses dessa *kolossal* firma...

.....

Ferrata tinha tomado para o seu serviço um creado que estivera
m casa de monsenhor von Gerlach.

O ter sido serviçal de pessoa tão considerada era já uma carta de
ecomendação á qual Monsenhor não teria certamente deixado de
juntar algumas palavras de caloroso elogio ao seu antigo domestico...

Ferrata apeteceu uma chavena de café que o criado lhe serv solicito e correto.

Oh! terrivel imprudencia! Fatal apetite!

Ingerida a chavena de café; Ferrata sentiu-se subitamente m disposto.

Essa má disposição aumentou singularmente...

Dois dias depois estava morto!

Essa morte pareceu suspeita...

Foi ordenado um rigoroso inquerito: a analise do assucar que s vira para adoçar o café revelou *substancias anormais*...

Estranho, muito estranho: — Assim que foi ordenado o inquerito, correctissimo creado de Ferrata, desappareceu...

.....

A vida ia decorrendo serena:

Ferrata a caminho do ceu;

Merry del Val não encontrando mais no seu caminho a pessoa p causa de quem saíra do gabinete pontificio;

Monsenhor von Gerlach, o austero ministro do Senhor, entregue sua missão de paz;

O antigo creado de Sua Eminencia, o creado que servira a chave de café pedida por Ferrata, desaparecido sem deixar traços do cam nho que seguira...

.....

Em Roma reunia-se solenemente um conselho de guerra: era julgamento do chefe da espionagem boche na Italia.

Apanhado em flagrante delito do crime de alta traição foi cond nado á morte.

Esse criminoso, esse chefe da espionagem, era um cardeal, e Monsenhor von Gerlach!

Condenado á morte um *principe da igreja!* Que loucura! Graças imunidades especiais concedidas ao clero, o vil espião saía de Ro são e salvo!

O creado, esse creado que estivera ao serviço do cardeal chefe d espiões, passando depois a servir Ferrata, e que desaparecera t habilidosamente no momento em que se constatava não ser casual morte do seu amo, poude finalmente ser identificado: **era um of cial do exercito alemão!**

Quanto a Ferrata... anda procurando o caminho do ceu, para on o mandaram á pressa, mas consta que ainda não teve maneira de encontrar...

CAPITULO III

A religião catolica contra as outras religiões — Portugal excomungado — intervenção de Portugal na guerra — A falsa neutralidade do papa

A guerra da religi

Guilherme e Francisco José serviam de capa aos jesuitas e clero.

O imperador da Alemanha, vendo que o catolicismo era uma pote cia podendo auxiliar a sua ambição desmedida, procurava-lhe as bo graças como de resto procurava as de todos que o podessem servir.

Convicções não as teria o velho cabotino, como lhe chamava uma revista bem conhecida pelas suas ideias religiosas, e portanto insuspeita.

Não resistimos a recortar esse trecho na realidade bem curioso:

«Quanto o caracter brutal de Bismarck era nitidamente marcado, quanto o de Guilherme II desnorteia toda a analise: cruel e orgulhoso o seu cabotinismo ultrapassa toda a medida.

«Não se pode dizer que tenha falta de religião porque as professa todas: católico na Polonia, onde a *Santa Virgem* lhe apareceu, anunciando aos judeus reunidos na sinagoga de Lodz que ele é o Messias; depois de se ter convertido ao islamismo em Constantinopla, passeia algum tempo depois, envolto numa tunica branca, no *Jardim das Oliveiras;* julga-se o Cristo ressuscitado pela segunda vez e em longas conversas com o velho Deus alemão trata-o tu cá, tu lá, o que não o impede de fazer com que as ciganas das margens do Rheno lhe leiam a *buena dicha...*» (1)

Desta vez a ligação do kaiser era com o mundo da sotaina que na sombra, como lhe é habitual, manobrava habilmente encaminhando essa guerra pavorosa ante a qual se erguia a justiça tentando em vão deter a marcha das hostes ferozes que procuravam esmagar a civilisação, a liberdade, a vida!

A frieza com que o mundo negro atirava para a peleja milhões de vidas, a indiferença com que via amontoarem-se os cadaveres despedaçados, o cinismo com que escutava os gemidos lancinantes dos feridos, o estertorar dos moribundos, os soluços das mulheres, o choro das criancinhas!

Malditos, mil vezes malditos os que esmagaram tantos povos na prensa do sofrimento horroroso que afogou o mundo durante esses anos tragicos, para satisfazerem a sua ancia de mando supremo, de vaidade abominavel, de cupida ambição!

Oh! polvo asqueroso que intentas envolver tudo nos tentaculos formidaveis da tua sofreguidão! Quando haverá quem te queime as raizes, planta daninha que afogas e destroes toda a boa semente?!

Como as grandes lutas da idade média, esta guerra foi uma guerra de religião, feroz como todas as que se moveram contra os *infieis*, mais tragica porque o valor da sciencia que só devia ser posta ao serviço do bem estar dos povos, foi desviada da sua missão e matou mais gente do que o valor do braço que então pelejava, porque essa sciencia foi cobardemente posta ao serviço da reacção clerical que é a propria negação da sciencia, dessa reacção que condenou Galileu, Newton, Lineu, Franklin, Bernardo Pallissy e todos aqueles que ousavam progredir no caminho do saber, que saiam dos moldes acanhadissimos e absurdos do dogma; a sciencia posta ao serviço dessa igreja que excomunga os que pensem ou digam que o Papa se pode reconciliar com o Progresso! Malditos, que só aceitam a sciencia de matar!

E o livre exame, o racionalismo, o pensamento livre é tão magnanimo que não tem excomunhões para fulminar toda essa cambada!

Foram motivos politicos que ostensivamente desencadearam a guerra europeia, mas na realidade essa guerra foi uma guerra de religião.

No primeiro embate atirou-se a catolica Austria contra a ortodoxa Servia, depois foi o desencadear sucessivo sobre a Inglaterra protes-

(1) *La Lecture*, n.º 43 de 24 de Outubro de 1915.

tante, sobre a Italia liberal, sobre a França separada da igreja co
Portugal, Portugal que era o feudo da *senhora da Conceição* e que u
lei redentora promulgada por Afonso Costa no advento da juvenil R
publica, libertava do jugo romano!

Portugal que Pio X excomungára numa encíclica a 21 de Maio
1911, encíclica redigida com uma violencia talvez nunca igualad
nessas famosas publicações, modelo de intransigencia e obstruc
nismo.

Portugal, *Republica maçonisante*, como lhe chamou o P. Gonza
Cabral, provincial da Companhia de Jesus.

Tão obsedante era a ideia religiosa, tornando o catolicismo n
uma crença mas um partido politico no qual deviam ingressar tod
que acompanhassem os imperios centrais, que até Fernando da Bulg
ria sendo ortodoxo se voltou para a igreja romana desde que interv
na grande guerra.

A França, com a sua lei da separação, era o alvo principal para
ataques reaccionarios, visto a esse tempo ainda não se prever o b
gesto de Portugal, marcando a orientação altiva e digna da Republi
ca portuguesa nesse movimento a favor da civilisação, nessa afirm
ção de principios, nessa pagina gloriosa escrita com o sangue d
nossos irmãos no grande livro da historia universal. A intervenção
Portugal na guerra, apesar dos seus detrátores, apesar da especulaç
ainda hoje feita pelos inimigos do regime querendo atribuir a e
facto e desiquilibrio económico em que nos lançou a convulsão univ
sal e a onda de ambições desmedidas que se ergueu, ficará como a ma
béla afirmação desta raça de herois, como uma lição dada ao mun
inteiro!

O Vaticano no seu rancôr, no seu odio que não cança, desejava
assassinato da Republica Francesa e o castigo dos politicos que fi
ram votar e executar a lei da separação.

Para isso os jesuitas organisaram um *complot* que o abade Dan
denuncia no seu já citado livro — *Le Baptême du sang* — ao qual p
mesmo, como sub-titulo elucidativo — Historia dum *complot* no Va
cano contra a França.

O facto é minuciosamente descrito com pormenores bastante int
ressantes.

Mas é tão profundo o espirito sectario do clero, é tão completa n
a alienação de todos os sentimentos nobres que se espandem na vi
— o amôr da familia, o amôr da Patria! — que o cardeal Amette, a
cebispo de Paris, filho da França invadida e trucidada, proíbiu a
seus diocesanos a leitura do livro do abade Daniel, do livro onde
revelava o crime cometido contra a França, contra a sua Patria q
ele assim sacrificava á seita negra!

Na reaccionaria Espanha o clero, especialmente o episcopado, n
disfarçava a sua aversão pelas potencias do ocidente por serem est
dos liberais!

E assim os marechais do espirito reaccionario preparavam as co
rentes de aço em que se dispunham a enlaçar a pobre Humanidad
aguçavam o punhal com que iriam retalhar o coração da nobre Itali

Neutralidade papal

Carne despedaçada, crianças sem pão, campos devastados ensop

os pelo sangue, montões de cadaveres onde se deviam erguer as bene-
ficas searas, lagrimas de mulheres que formariam um rio se podessem
eunir todas as perolas liquidas que do coração subiram aos olhos das
ue choravam os ausentes, os desaparecidos, os mortos; montes de ru-
as onde se erguiam monumentos; rolos de fumo onde tinham sido bi-
liotécas preciosas, a destruição quando o que se impõe ao mundo é
onstruir e depois... o agonisar dos lutos, as mutilações arrancando
edaços de vida a existencias despedaçadas, o descalabro de tantos la-
es, a formidavel convulsão economica amontoando milhões a um lado,
rrancando a outro as ultimas migalhas de pão, tornando ainda maior
desiquilibrio social que todos se deviam esforçar para que desapare-
esse de vez!

Milhões de mortos em combate, milhares de mutilados e de mortos
elas consequencias da guerra, e por ultimo uma pavorosa crise eco-
ómica!

Nessa hecatombe defendeu-se o direito das gentes, fez-se a guerra
ela paz. Quantos idealistas levaram para os campos de batalha a
na juventude entusiastica combatendo denodadamente com a ideia al-
ruista de melhorar as condições da humanidade, de estabelecer uma
az que não mais fosse perturbada!

O sangue generoso que foi derramado, essa semente bendita lan-
ada brutalmente á terra não dará os resultados ambicionados? Terá
do inutil um tão grande sacrificio?

E' que debaixo da bandeira branca da paz escondem-se as armas
sarilhadas, a torva reacção clerical ateia o fogo e mantem o conflito
tente para satisfazer os seus designios ainda que á custa dos mais
stupendos sacrificios impostos á humanidade!

Quando as potencias, num encontro formidavel se despedaçavam,
papa mantinha-se alheado.

Os imperios centrais trucidavam os aliados, o Vaticano deixava
utuar uma bandeira branca na aparencia mas na realidade um far-
po vil manchado pela lama que cobria.

.....

Benedito XV, o *Santo Padre*, manteria uma neutralidade absoluta,
m o mesmo amor por todos os seus filhos...

E como ele manteve essa neutralidade!

Como foi revoltante a neutralidade ambigua dessa figura sinistra
e não teve um gesto de revolta, um movimento de repulsa pela
arbaridade dos seus aliados!

Que não teve uma expansão de amor, uma tentativa de proteção
m mesmo para aqueles a quem como chefe da igreja mais se devia,
is da igreja eram tambem!

A neutralidade desse papa assistindo impassivel á destruição da
tedral de Reims, joia maravilhosa onde cada pedra era uma oração
s que a mandaavm edificar e embelesar e era para nós uma reliquia
arte!

A neutralidade desse Vigario de Cristo olhando para o incendio de
uvain como Nero olhou para o incendio de Roma!

A neutralidade desse pastor de almas quando da horrorosa depor-
ção de mulheres, velhos e crianças!

A neutralidade desse representante do Senhor perante as mãosinhas
cepadas das crianças!

A neutralidade do Santo Padre em frente do assassinato dos padres

belgas e do que eles chamam a profanação de igrejas! De igrejas que era o chefe mas não pertenciam aos imperios centrais...

E, oh! cumulo do impudor! a neutralidade do Sumo Pontifice quan foram violadas religiosas, sem que o seu braço se erguesse para lan a excomunhão sobre os que tinham cometido tamanha afronta con os asilos de que ele era a suprema guarda.! Dos que tinham mancha as suas filhas espirituais!

Pois tudo isto não conseguiu mais do que arrancar-lhe umas va palavras de tristesa de emprestimo que mal conseguia disfarçar a atrós indiferença!

Novo Gregorio XVI «impassivel perante a carnificina da Gali em nome da Austria e das Ordens; do desmembramento da Polo num furor de fanatismo e requinte de malvadez; da guerra que desv tava a Irlanda como nos descreve o insuspeit oTommaseo que acr sentava ainda: «...e Gregorio XVI, em publico, não achava palav senão para aconselhar a obediencia ás doutrinas, desculpando em t essas mortandades»!

Da mesma forma Benedito XV no Consistorio de 22 de Janeiro 1915 declarava que «o papa devia ter o mesmo amor por todos os c batentes»!

E em nome desse *amor*, o papa vendido á ambição, não teve u unica palavra de censura aos alemães!

Em 1918, por ocasião do *corpo de Deus*, impulsionado pela Ale nha, o papa conjurou os aliados para nesse dia não exercerem repr lias sobre as cidades do Rheno. Os aliados acedem ao pedido e m teem a sua palavra: os aviões não pairaram sobre a região indic poupando-a á sua chuva mortifera. Pois nesse mesmo dia, á hora procissão, um obus boche rebenta sobre a igreja da Madalena, Paris!

Pois nem este facto, que podia ser tomado como um acto de c plicidade bem marcada, fez com que o papa manifestasse energ mente o seu desagrado.

Nem a sua dignidade posta aqui em jogo o levou a pronun palavras de censura clara e terminante aos seus fieis *kamerad!*

Em *sexta-feira da paixão*, á hora em que numa igreja catolica França, cheia de fieis, se efectuavam cerimonias religiosas, as pesa maquinas alemãs vomitavam o fogo mortifero sobre essa igreja. M rem mulheres, morrem crianças. Uma mulher levando pela mão o lhinho foge espavorida; a criança torna-se subitamente pesada, a pede-lhe que apresse o passo e neste momento olha para a criança: o pobre corpinho sem cabeça! Um estilhaço decepara-lha!

Mas Sua Santidade não encontrou neste caso motivo para quel *a neutralidade* mostrando a esses *cristãos* quanto havia de brutal lançarem a morte sobre uma casa onde se comemorava uma passa que a Igreja tanto respeita.

Mas o papa fez mais ainda: teve a audacia de ordenar que todas as igrejas belgas, á hora da missa dum determinado dia fizesse entre os fieis uma *quete* a favor das creanças alemãs! Ist Belgica martir, na Belgica em que as mães eram brutalmente ar eadas aos filhinhos, na Belgica onde não havia leite para da criancinhas que se estiolavam e morriam porque os alemães tin levado todo o gado! E o papa ordenava ao povo belga que contribu com o seu obolo para mitigar a fome dos filhos daqueles que tin

svastado a Belgica, daqueles que lhe tinham assassinado friamente
criancinhas!
Miseravel!
E, quando a esperança da vitória abandonou completamente os
mperios centrais, foi então que se resolveu intervir decisivamente a
avor da paz dirigindo-se aos aliados uma enorme arenga tendente a
esnortea-los para deixarem passar a clausula que ele apresenta—ces-
ar a guerra sem vencedores nem vencidos, com honra para ambas as
artes!
Era o ultimo recurso a que os vandalos se podiam agarrar para não
rem esmagados, e á frente deles, a patrocina-los, estava a figura de-
utorisada pela sua atitude de Benedito XV, marquês *della Chiesa* e
igario de Cristo!
Mais uma vez aparecia a duplicidade do chefe do catolicismo. O
rvo abutre só tinha olhos para a tão almejada presa com que lhe
enavam, o rafeiro lambia a mão que lhe atirava o suculento osso—a
stauração do poder temporal do papa!

CAPITULO IV

uilherme II tenta sugestionar a seu favor a opinião italiana—Von Bülow negoceia a neutralidade da Italia e subjuga os cardeais—Pretende-se restaurar o poder temporal do papa—O rei de Italia ameaçado—Plano da derrota italiana.

Os planos de Guilherme, Francisco José & C.ª de Jesus falhavam: gloriosa Belgica resignada e altiva, oferecendo o peito generoso ás aionetas boches, para que a sua honra não fosse conspurcada, para oder merecer sempre o titulo de *leais entre as leais*, fôra a barreira ublime que defendera o mundo inteiro!
Orgulhosa da sua força bruta, a Alemanha não podia admitir que ma nação pequenina e estranha á peleja, ousasse erguer-se na sua rente; ela delicada e fragil, vivendo para o trabalho honesto e inces-ante, fazer frente aos *colossais* regimentos boches, á sua *kolossal* arti-haria, e resistir nesse esforço épico que dando tempo aos aliados para e preparem mudou a face aos acontecimentos que o grupo fatal pacien-emente organizára.
Anciosos, desesperados, tremiam a entrada da Italia no combate porque isso era a morte decisiva dos seus projétos, era a derrota ine-vitavel!
Foi portanto para aí que se voltou a atenção dos *meneurs* da guer-ra, com toda a astucia que sabiam desenvolver.
Era preciso conquistar a opinião das figuras em evidencia nos randes centros italianos. Para isso, o kaiser mobilisava os seus diplo-natas mais reputados pela habilidade e mais considerados pela jerar-quia e pela fortuna, lançando-os na alta sociedade italiana afim de conquistarem terreno favoravel aos designios do seu patrão.
Assim viram-se os salões romanos invadidos pela presença dos aris-tocratas alemães que passeavam a sua pesada magnificencia e desen-volviam todo o poder de redução para encaminharem e moldarem á sua vontade a opinião dos frequentadores.
O barão Ritter, o conde Szecsen, von Mühlberg, o principe de Schombourg eram duma actividade prodigiosa, multiplicavam-se, acor-

riam a toda a parte sorridentes e encantadores para cumprirem as
dens que tinham recebido do seu dono.

Mas a rêde tinha de ser bastante longa para envolver toda a Ita

O principe von Bülow ia em missão diplomatica como alto re
sentante do kaiser e da sua politica, propoz ao governo italiano a n
tralidade da Italia até ao fim da guerra, dando-lhe em troca a p
do Trentino, excepção feita de Trieste.

Durante o tempo que se conservou em Italia, von Bülow, sonega
mente subjugou os *Monsenhores* e obrigou-os a angariarem assina
ras para os pedidos de neutralidade que *a Italia*... fazia.

Mas era preciso mais: era necessario segurar bem a vontade do
pa, ter garantido a sua adesão aos interesses da Alemanha, faze
que esses interesses fossem tambem seus para ser mais firme a sua
nivencia...

Disso encarregar-se-ia Matias Erzeberger.

Missão secreta de M
tias Erzeberger

Começaram então as viagens misteriosas do deputado catolico M
tias Erzeberger, que ora aparecia na Austria, ora surgia na Italia.

O que tinham em vista? Qual o seu fim?

O deputado leader do centro alemão tecia a formidavel teia q
envolveria o pensamento humano, que iria restabelecer o nefando—
crês ou morres,—que aniquilaria a obra dos patriotas italianos ac
rentando ao mesmo tempo a aspiração natural em todos os seres—a
berdade!

Matias Erzeberger cumpria a missão de confiança que lhe fôra c
fiada - Matias Erzeberger negociava a restauração do poder tempo
do Papa!

Essa missão secreta era de tal importancia para Guilherme, Fra
cisco José & C.ª de Jesus, que foi entregue á habilidade pessoal
chefe da espantosa propaganda alemã, Matias Erzeberger, que se c
carregaria ele mesmo de a desempenhar.

Em abril de 1915, na execução do seu trabalho nefando, Erzeb
ger percorria a Italia em viagem de propaganda. Onde julgava co
veniente prometia a restauração do poder temporal do papa e levou
audacia ao ponto de ameaçar o proprio rei de Italia, se elo intervies
na guerra ao lado dos aliados, ao lado dessa por eles tão detesta
França!

Oh! soturna reacção! A luz cega-te e não vês que é tarde, mui
tarde, para te quereres ainda impôr!

Em vão o clericalismo pretenderia esconder a luz do progresso
mortalha negra da sua sotaina: desde que a sciencia moderna inve
tou os raios X a luz passa até mesmo através dos corpos opacos!

Plano frustrad

Por muito forte que tivesse sido a propaganda alemã, por mui
bem preparados que estivessem os seus planos, na Italia paira ain
como exemplo benefico a recordação dos seus filhos mortos na lu
pelo Ideal, dos que sacrificaram a vida defendendo um dever santo
o de pugnarem pela Justiça e pela Liberdade. Não podia portan

servar-se surda ao clamor que se erguia dentre as ruinas fumegan-
dos campos de batalha, não podia, apesar das promessas tentado-
e da teia em que a envolviam, conservar essa criminosa *neutrali-*
e observada pelo papa e por outros povos dominados pelo egoismo
pelo jesuitismo (até os nomes se parecem não é só a significação...)
Galhardamente a patria de Garibaldi vinha colocar-se ao lado dos
combatiam pela justiça, dos que faziam a guerra pela paz!
Foi um golpe rude para a firma em comandita, mas não estava
o perdido: Matias Erzeberger com a sua missão secreta assenho-
va-se do terreno que lhes fugia...
Segurando a cabeça do polvo, cabeça onde assenta a triplice corôa
iro que ainda se conserva triplice apesar duma representar o poder
poral... poderia manejar os tentaculos que se estendem dos ser-
s d'Africa ás catedrais da Europa, das plagas inhospitas da Ame-
a aos salões da aristocracia...
Não se tinha cortado a comparticipação da Italia na guerra?...
s bem: tentar-se-ia derrotar a Italia.

Infamia por infamia

Enfraquecidos, exgotados, os imperios centrais não podiam esperar
ncer a Italia pela força das armas, em combate leal. Combate leal!
mo se podesse haver a mais pequena lealdade numa guerra desen-
deada e dirigida pelos jesuitas!
Seria á falsa fé, por intermedio da religião do medo, mas para isso
necessaria a intervenção do Sumo pontifice...
Pois bem: oferecia-se-lhe uma paga generosa pelo seu serviço...
troca dos esforços do papa para servir a causa de *Guilherme, Francisco José & C.ª de Jesus*, o kaiser prometia ao chefe da igreja
ólica a restauração dos seus Estados Pontificios e de Roma Capi-
io sobre as proximas ruinas da Italia.
Roma Capitolio! Com que facilidade esqueciam que ao lado do
pitolio se ergue a Rocha Tarpeia...
E os gansos do Capitolio teem o som leve...
Conivente o papa, estava garantida a cumplicidade das igrejas
manas... Seria então facil aos imperios centrais fazer caír as ar-
s das mãos dos seus adversarios por sedições interiores ou por pa-
os habilmente preparados como o de *Caporetto* que esteve a ponto
entregar toda a alta Italia á invasão... se a gloriosa infantaria
liana não estivesse de vela...
Victor Reneto salvou nessa grave situação não só a integridade
patria como a sua honra. Victor Veneto salvou a sua capital e sal-
o espirito livre de todo o mundo, das cadeias que lhe queriam
çar.

CAPITULO V

Jornais alemães anunciam o restabelecimento do poder temporal do papa - As viagens secretas de Erzeberger — Elabora-se o tratado — O reino da terra em troca do reino do ceu — O imperador da Austria aprova o tratado

O anuncio do crim

Quando por toda a parte se esboça mais ou menos definido, ma ou menos energico o movimento de remodelar uma sociedade cadu baseada em velhos preconceitos, procurando o clarão do aperfeiço mento moral e social, desfazendo as ideias nebulosas e antigas que egoismo duns, a louca ambição doutros, a estupidez de muitos e a i diferença da maioria teem conservado, quer a reacção evitar o evol cionamento das ideias, quer fazer-nos recuar aos tumulos em que i possivel estabelecer a *Inquisição!*

Reacção clerical e reacção politica que num pacto odioso prete diam aniquilar a mais bela conquista que o espirito livre fez — o esm gamento da tirania papal!

E ousavam levantar uma ponta do veu que envolvia as maquin ções tenebrosas do Erzeberger para mostrar ao famoso *Vigario de Cr to*, que o não estavam *vigarisando*...

Os jornais alemães deixavam antever ao papa o restabelecimen do poder temporal.

O *Deutsche Litteratur Zeitung*, de 25 de Setembro de 1915, insinu va: «Na continuação da guerra atual como na idade media, os gu reiros alemães terão de combater em terraitaliana talvez mesmo par **restabelecer o poder temporal do papado».**

A preversa insinuação é bem clara...

Mas anteciparam-se muito cantando a victoria de que estavam l longe quanto a sua vaidade os julgava perto!...

Uma resposta que co firma o facto

Começaram então a activar-se os preparativos para o famoso t tado do restabelecimento do poder temporal do papa.

Matias Erzeberger multiplicava-se em constantes viagens á A tria e á Italia.

Apezar da propositada indiscrição da imprensa, o fim dessas v gens continuava secreto...

Mas porque era secreto o motivo que as originava e porque se petiam duma forma singular a que dava maior relevo a situação quem as fazia, visto o chefe da propaganda boche ter de exercer u acção mais vasta e não circunscrever-se a um só país, que para m era aliado,—aliado? pode-se antes dizer que era uma parte da prop Alemanha—mais davam na vista.

O que porém se ignorava é se essas viagens do *leader* do ce seriam oficiais...

O conde Westearp, chefe do partido conservador, perguntava chanceler catolico conde Hertling se as viagens de Erzeberger á A tria eram em missão oficial.

O chanceler, solicito, apressava-se a responder:

—«Esta viagem não tem que vêr com os negocios politicos mas é uma questão que diz respeito á igreja catóiica...»

Esta resposta vem confirmar que o tratado se não era oficial era conhecido nas regiões oficiais, era oficioso.

Elabora-se o tratado

Mas não bastava a vontade do grande despota alemão, se bem que os seus socios da Companhia de Jesus lhe reforçassem, e até mesmo indicassem as deliberações: era necessario garantir préviamente a aquiescencia de outros paises.

Erzeberger, com plenos poderes para a execranda maquinação, apoiou-se, segundo as suas proprias declarações, no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, no seu país.

Com *pessoa competente* do referido Ministerio elaborou o tratado que daria ao papa, a soberania doutr'ora e á Companhia de Jesus, que sempre tem tratado de ligar a sua causa particular á da igreja católica em geral e especialmente do chefe dessa igreja a fim de auferir os interesses proprios e os que por esse intermedio lhe possam vir, o poderio ostensivo que só exerce oculto e indirectamente.

Esse tratado feito depois de consultar particularmente os Estados que mais probabilidades havia de o apoiarem, tinha por fim restabelecer o poder temporal do papa, restaurar a realeza do papado delimitando-lhe novamente um reino com todas as suas prerogativas.

De começo esse reino seria um pouco mais pequeno do que o fôra antigamente, mas, restabelecido o inicio, o *papa-rei* saberia como ou'ora lançar os povos mas d'encontro aos outros chamando em seu auxilio este ou aquele monarca, que o defenderia e lhe iria aumentando os territorios, fazendo assim ao papa um reino na terra e recebendo em troca o reino do ceu... logar de supremas delicias com que os ministros do Senhor recompensam todos os beneficios que lhes fazem, pois as santas creaturas por *humildade evangelica* vão sempre preferindo as humildes e insignificantes riquezas deste mundo em logar dos tesouros celestes que oferecem aos outros... tendo sempre em vista a passagem do catecismo —«bemaventurados os pobres de espirito pois deles é o reino do ceu»!

Tartufos!

Os designios da Austria

Elaborado o tratado que regularisava na devida fórma o pacto que o chefe da famosa quadrilha *Guilherme, Francisco José & C.ª de Jesus*, ormára com o novo socio, o papa; redigido convenientemente esse trado, com todos os seus artigos e clausulas, foi imediatamente mada uma copia ao sucessor de Francisco José, o imperador Carlos Austria.

Submisso á vontade do seu tiranico primo Guilherme, submisso á oderosa *ordem* na sua qualidade de *jezuita de casaca*, beato, fanatico, ão fez esperar a resposta comunicando a sua inteira aprovação, ao rojecto do tratado simples pró-fórma visto tudo estar esclarecido, reparado e combinado nas visitas do Erzeberger á Austria.

Mas não foi apenas por submissão que procedeu o imperador da

Austria: fê-lo com prazer. E' que esse tratado insultante para a memoria dos patriotas italianos, esse tratado que se arrojaria como uma afronta aos pensadores livres, algemando a razão e o livre exame, dando novas forças ao catolicismo que poderia ir — sabe-se lá até onde?! — esse tratado retalhava a nobre Italia mutilando-a na sua parte mais bela e mais querida — a sua capital, a Roma arrancada aos Cesares e aos papas, Roma que se afogava na agua lustral e na agua benta e que o 20 de Setembro salvára!

O tratado de Erzeberger vinha até certo ponto satisfazer os desejos secretos da Austria, acariciados durante longos anos e a sua politica que Mery graciosa e justamente descreve a largos traços:

«Viena, mesmo durante o seu sono, tem um dos olhos abertos sobre a Italia; Viena prefere a Italia a toda a Alemanha. Isto facilmente se compreende: Viena tem um imperador que descende em linha recta dos Cesares, e considera a Italia seu patrimonio incontestavel, depois da tomada de Constantinopla por Mahomet.

«Viena tem sempre ao seu serviço uma infinidade de Maquiaveis que viajam pela Italia e que fingem estudar os monumentos unidos para ouvirem os homens que falam. Logo que um italiano ousa contestar a validade do testamento de Cesar ao Cesar do Danubio, ha sempre ao lado do audacioso um Maquiavel que escuta a sua conversação e a denuncia a Viena.

Imediatamente o descendente austriaco do grande Julio convoca doze homens de Estado; delibera-se, bebe-se Johennisberg, e envia-se á guarnição de Verona um reforço de dois mil soldados.

«Tal é a politica da Austria.» (1)

E' provavel que o imperador Carlos não a tivesse modificado e a ocasião apresentava-se favoravel para fazer uma arrelia a essa Italia...

A condessa Matilde, governante da Toscana, déra ao Hildebrand os seus territorios e o sucessor podera contestar essa doação; pois agora, tantos seculos decorridos, com toda a *kolossal kultur*, os famosos socios da famosa quadrilha faziam mais — davam de presente os territorios que pertenciam a um outro estado, talhavam grossa fatia no pão do compadre, apenas porque poderiam tripudiar sobre a agonia desse estado, vencido, gosando a brutal volupia de lhe sentirem os estremecimentos debaizo da sua bota!

Queriam reviver a frase de Brennus aos romanos — *Voe victis!*

(1) «A Judia no Vaticano».

CAPITULO VI

trevista de Erzeberger e Carlos de Habsburgo — Declarações importantes — O papa imperador da Austria — Sonho mistico de um fanatico — Os milagres de Carlos d'Austria, de Pio X e a sua provavel canonisação

Declarações de Carlos d'Austria

No dia 23 de Abril de 1919 efectuava-se em Viena uma conferen-
do imperador Carlos com o tedeno Erzeberger.
Essa conferencia teve particular interesse devido ás palavras deci-
as pronunciadas por Carlos d'Austria.
Assumiram extrema gravidade as declarações que o imperador fez
ssa entrevista. Entre outras coisas importantes afirmou «compreen-
r perfeitamente a dificil situação do Papa».
E assim, tratava de o auxiliar com o que pertencia aos outros.
O expediente era comodo, talvez até mais comodo do que tirar do
noso tesouro dos Medicis o famosissimo diamante «Florentino» que
rtencera ao ultimo duque de Borgonha, Carlos «O Temerario», filho
Isabel de Portugal.
E' que pretendendo a ex-imperatriz Zita vender esse anel que lhe
ára do marido, a Italia veiu declarar que a riquissima joia lhe per-
ncia pois fôra suprimida (que palavras a diplomacia emprega!...)
tesouro dos Medicis, duma forma ilicita, por Carlos de Habsburgo,
e o fôra empenhar num banco suisso...
E' que «O Florentino» vale qualquer cousa parecida com 30:000
ntos.
Referindo-se á sua posição como chefe de Estado, o imperador de-
arava que «no seu intimo era católico e ficaria toda a vida fiel a
sentimento».
Mas ia mais longe o soberano tornando inseparaveis a sucessão ao
no e a sucessão nas ideias misticas, no catolicismo, porque o cris-
nismo... Bem se importam eles com o pobre Cristo!...
Nessa ordem de ideias afirmava que «A dinastia e o catolicismo
mam um legado inseparavel para os soberanos do imperio austro-
ngaro.»
A famosa ligação do trono e do altar!
A manha da toupeira junto ao veneno da vibora!

O papa imperador da Austria

Não era só o imperador Carlos fazendo no seu cerebro doentio essa
gação: o papa tambem a faz ou pelo menos tenta aproveita-la.
Vendo frustrado o audacioso plano que se tramou durante a guerra,
o renunciando a reconquistar o poder temporal, causa da eterna
ta que os agita, acaricia a doce esperança de vir a ser o soberano
sse imperio desconjuntado.
Animado talvez por ver o governo da Austria entregue a um pre-
do que se desempenhava das suas funções com os ares de quem obe-
cia a um soberano o culto, e que continuava ainda a ligar a Austria-

republica ás ideias misticas, como a Austria-imperio de Carlos Habsburgo, Pio XI antevê a possibilidade de tornar viavel em Vie o que a vitoria dos aliados veio impedir em Roma!

Não seria a vitoria absoluta, porque a sua sêde de vingança exi que esse poder supremo sobre a terra, que eles querem dominar, s exercido em Roma, na cidade onde foi aberta a famosa brecha da Po Pia.

E' na capital do orgulhoso imperio romano que eles querem estade sem peias o seu orgulho que uma *bírra* encerra nos seus dominios n tolerando a ninguem que ponha o Quirinal primeiro do que o Vatica

Se ao rei de Inglaterra foi permitido ir visitar o papa depois do r foi na sua qualidade de protestante, nada garantindo que essa de renuncia não fosse uma tentativa de conquista, mas ainda assim imposto que Jorge fosse para a embaixada inglesa onde então o iri buscar as equipagens de S. Santidade.

Portanto a Austria não representava a satisfação completa, m sempre era um trono...

E uma vez escalados os degraus dum trono o papa poderia dirigir mundo como ambiciona, tornar-se-ia o arbitro supremo nas questõ internacionais, enroscaria ainda mais fortemente as vontades e os de tinos dos povos nessa grande serpente escura, como lhe chama o no imortal Junqueiro.

«A Igreja é uma serpente escura, bicho imundo,
«Gigantesco reptil que dá a volta ao mundo...
«Os elos desse monstro implacavel sois vós,
«Sacristas. A cabeça é o papa...

.....

Roma póde ser u bom arbitro?

Pondo de parte a nossa maneira de ver e acompanhando apenas corrente vulgar que tolera o papado, desprendendo-nos de qualqu parcialidade, não podemos ainda assim aceitar como boa a interve ção de Roma como arbitro das questões mundiais.

Apezar dos progressos realizados pela sciencia juridica o dire internacional ainda não encontrou a autoridade capaz de regular pa ficamente os conflitos entre as varias nações.

Como póde Roma aspirar a esse benefico papel?

Onde tem a *Santa-Sé* a autoridade moral, o desinteresse politi necessarios para se manter acima do entrechocar das paixões?

Como póde dominar as paixões dos outros se ninguem as tem ma impetuosas do que o intransigente Vaticano?

Assim que foi permitido á Igreja cristã saír das catacumbas e viv livremente, transformou-se numa instituição temporal, ligada a in resses materiais e combinações politicas determinadas pelas circu tancias ou pela natureza das suas proprias tendencias.

Abandonou o misticismo, cançou-se de bater as azas em procura ceu, desceu prosaicamente á terra, e de religião transformou-se em p tencia politica, politica humana, apaixonada, fazendo do sobrenatu a alavanca onde se tem erguido, tendo como ponto de apoio a ignora cia dos povos e o medo da morte.

Na idade media o papa bastantes vezes empunhou as armas; hoje, passado o tempo que tudo vai transformando, empunha as armas da diplomacia com o mesmo ardor mas com mais habilidade.

Não podendo conservar o primeiro logar entre a força politica das potencias seculares recorre a toda a sua astucia para segurar o apoio que lhe convem, as amisades que deve cultivar, para medir as suas simpatias ou antipatias não pelo sentimento proprio mas pela sua conveniencia.

Roma vive da intriga; a politica pontifical é cheia de combinações prudentes e frutuosas, em todos os actos do papa sente-se transparecer demasiadamente a preocupação de conservar á *Santa Sé* a sua autoridade entre as potencias do seculo.

Com todos estes manejos Roma perdeu o direito de fazer ouvir ao mundo uma voz serena, absolutamente desinteressada, a cima das lutas mesquinhas ou das paixões violentas.

Perdida a cartada que jogou arrojadamente durante a guerra, sonha agora erguer-se sobre o trono austriaco?

E' possivel que o sonhe, mas é dificil que o faça...

Quanto a ser a potencia arbitral, tem-se desmacarado tão completamente que ninguem aceitaria a sua intervenção a não serem... os seus apaniguados.

Roma procurou no poder temporal toda a sua força, quando seria o poder espiritual que se poderia erguer.

Por este lado seria respeitavel; agarrada ao poder temporal é irrisante.

Na grande força que procurou perdeu toda a autoridade moral e agora é tarde—muito tarde! para fazer vida nova.

A Roma dos papas tem de passar como passou a Roma dos Cesares.

O Vaticano caírá derruido pelas palavras de S. Malaquias.

«Religio depopulata!»

Sonho mistico

Pela sua maneira de pensar, Carlos de Habsburgo, o chefe dum povo, obedecia cegamente, não reflectindo, não pensando nos seus subditos, curvado sempre ante a vontade opressora da igreja católica!

E' que o fanatico Carlos de Habsburgo tinha um sonho: imitar Carlos Magno, e não tendo a sua coragem queria ao menos ter a sua *católica* generosidade, ocupar assim um logar de destaque nos degraus do trono pontificio em troca dos seus favores ao papa, e até mesmo ser canonisado...

Via-se o chefe de cruzadas poderosas esmagando todos os infieis, ás de braço dado com o imperador da Turquia...

Sonhava conquistas onde muitos dos seus soldados baquearam pela lusa *santa* enquanto ele se conservaria entre o conforto e o luxo dos us palacios, com a pele bem guardada, sem o risco de que uma bala um estilhaço de granada a fosse perfurar...

E entre orgulhoso e extatico afirmava que a Austria-Hungria era a tima grande potencia católica e que ele queria ser um grande sobeno católico.»

O peor é que o imperador, apesar de moço, não se lembrava que o undo caminha e que o povo austriaco, farto de o aturar, mandaria bora com toda a sencerimónia, o *grande soberano católico* que, reduo á insignificancia dum *pequeno* fugitivo se teria de limitar a ser

apenas o *grande beato*, aguardando o momento em que seria um *gra* *santo*.

O grande san

Do espirito fanatico de Carlos de Habsburgo deu-nos ele as pro durante a sua curta estada no Funchal, especialmente no periodo doença que o vitimou.

O clero local, bastante fanatico, tornou-se ainda mais arroga pelas demonstrações do ex-imperador, achando um apoio nessas ex riorisações espectaculosas vindas dum *tão alto personagem*, no enten dos reaccionarios. Não conhecemos o imperador Carlos mas julga que efectivamente devia ser um alto personagem pois todos os aust cos tanto os homens como as mulheres, são de estatura bastante vada.

Não conseguiu Carlos d'Austria ser «o grande soberano católi que ambicionava suas para ser grande qualquer coisa está a cami de ser um *grande santo*. Pelo menos já faz milagres, segundo dizem seus partidarios, que trabalham, activamente para a sua canonisa realisando por essa fórma uma parte do sonho do imperial jesuita.

Da imprensa suissa reproduzimos o ultimo *milagre* do falecido -imperador e as apreciações que seguiam o relato:

«No Funchal vivia um homem conhecido pelas suas convicções berais. Tendo adoecido recusou-se a receber um padre, declarando rer morrer sem os sacramentos da igreja. O padre repelido pediu suas orações ao ex-imperador Carlos para que empregasse a sua fluencia junto de Deus a fim de que o doente se convertesse. As preces foram ouvidas: Carlos de Habsburgo efectuou o *milagre* doente pediu que lhe fossem buscar o padre; confessou-se e mo confortado com as consolações da igreja.

«São estes os meios com que os partidarios dos Habsbu fazem a propaganda monarquica.

«Em todo o caso isto prova que o publico a que eles se dirige compõe unicamente de imbecis.»

Não havendo um unico argumento aceitavel para impôrem a rôa, recorrem ao sobrenatural porque esse não tem discussão: é *não profundar!*

Sempre o encanto negro do fanatismo querendo envolver o esp pouco culto dos povos!

Sempre o inverosimil, o *milagre* a proposito e a desproposit tudo!

Sempre a corôa feita pelo ourives e a corôa feita pelo barbei gadas para enganarem o povo!

Sempre juntos o absurdo da realeza e o absurdo do dogma!

Oh! pobre humanidade algemada por estas sinistras corre quando te libertarás de vez?...

Uma compensa

Agora e tambem Pio X a caminho da canonisação...

Relatam-se os *milagres* que ele fez em vida e os que está fa actualmente, o que tudo está sendo coligado para o processo transformará em santo.

E' uma compensação, um pouco tardia, á pressa com que se d volveu a *misteriosa doença* que o vitimou...

Entre outras cousas maravilhosas Pio X entretem-se a *passear* pelo Vaticano depois de morto.

Até mesmo ficou assinalada como notavel a sua aparição a um grupo de dez sacerdotes alemães e austriacos, que na ante-camara esperavam ser recebidos por Pio XI, o actual Sumo Pontifice.

Este facto foi relatado por um padre da Companhia de Jesus num jornal católico alemão, de Chicago, o *Hatholischer Wochenblatt*, e transcrito no jornal *The Universe*, tambem católico, de Londres.

Pio X *aparecendo* a alemães, austriacos & Jesuitas?

Eis aqui um *milagre* que parece moldado na obra de Shalespeare...

Dir-se-ia que Pio X vai ao Vaticano fazer o mesmo que o pai do Vaticano ia fazer ao castelo...

E a situação identifica-se de tal maneira que até o *frasquinho* não lhe faltará...

Quem será perante este santo milagre o *rei da Dinamarca* a pedir «luzes, luzes, tragam luzes?»

Será algum *oficial do exercito alemão?*

Será algum cardeal arrogante e... espião em chefe?

Ou algum lutuoso jesuita? Mas estes teem-lhe tal medo que prefeririam deslizar pelos subterraneos como as toupeiras, a pedirem luzes... Mas para não desmancharem a scena tão classica tratam de pedir para Pio X as luzes... dos altares, unicas com que se entendem bem...

Mas ha mais, muito mais...

Um simples aperto de mão de Pio X curou uma freira doente;

Um menino paralitico curado, só porque o papa lhe passára a mão pelos cabelos;

Uma religiosa curada duma meningite;

Merry del Val curado tambem por Pio X, e agora continua a sua força curativa, á simples evocação do seu nome...

Só não se soube curar da tal doença que o atacou num momento tão importante para a historia contemporanea.

Nem soube curar o seu dedicado Ferrata da indigestão que lhe provocou a chavena de café...

Este *fabricar* de santos é uma das modalidades da actividade que o clero e os seus apaniguados estão desenvolvendo num ultimo arranco para ressegurarem a força que lhes foge, a propria existencia da colectividade que ameaça estinguir-se.

E' que a agitação que se nota no clero, os seus golpes duma audacia insolente, a maneira arrogante como se apresentam padres e beatos, tem sido tomada por muitos como um recrudescimento de fé, como a demonstração evidente duma força nova, mais intensa e avassaladora que rodeia o mundo da sotaina.

Engano, puro engano!

O que aos nossos olhos aparece como um remorso de vitalidade não é mais do que o esforço desesperado do naufrago que sentindo-se perdido se agarra aos ultimos bocados de madeira tentando assim manter-se no cimo de agua.

Desta vez os naufragos são os padres que a custo se manteem á tona de agua benta que derramaram tão profusamente.

Agora essa agua benta afoga-os sem que os cirios ou as tochas lhes sirvam de taboa de salvação!

E os chefes, lá de Roma, cabisbaixos e apavorados, vêem fugir-lhes

o poder, vacilar a corôa de ouro que lhes garante a existencia opulenta e ociosa; vêem dispersar-se a multidão que lhes obedecia de joelhos cobrindo-os de dinheiro em troca duma *benção* que lhe garantia... entrarem para o *reino do ceu* e que, custava barata a quem a dava.

Sempre o negocio do vigario... de Cristo!

Mas o que é ainda mais perigoso para eles é verem rarear as suas fileiras, porque os soldados negros desertam sem que novos alistamentos venham cobrir as vagas que ficam.

«Religio depopulata!»

Esta profecia tremenda de S. Malaquias está em via de realisação. Ninguem quer ser padre!

E como a profecia se relacionava precisamente com o reinado de Benedito XV, vá de tocar o clarim (que neste caso seriam os sinos) e unir fileiras exigindo o maximo—a restauração do poder temporal do papa, para obter o minimo—poderem continuar a viver regalados na ociosidade e na opulencia.

Mas se com os seus espalhafatos, fazendo grandes paradas reaccionarias, grande alarde de forças, fabricando santos e milagres, inventando as Fatimas com a poça de agua cheia de miasmas, agua tão podre como eles, como outróra tinham inventado a famosa aparição de Lourdes prototipo dos seus processos pois transformaram mais uma vez o adulterio em milagre, se com todo esse cortejo de tolices «boas para entreter crianças» como dizia o catolico Tomaseo, conseguem deitar poeira nos olhos dos estranhos, lá dentro a derrocada é tremenda, é *religio depopulata* trouando funebremente aos ouvidos deles, com o mesmo som cavo com que vão esmagando os outros com o seu *Dies irae!*

Os caixeiros que eles punham ao balcão enorme das suas burlas fogem dos labregos armazens e procuram vida util.

Os inteligentes e ambiciosos compreendem que as religiões passaram, eco longiquo duma epoca de ignorancia que tinha de recorrer ao sobrenatural porque lhe faltava a luz da sciencia; os que procuravam no sacrificio um meio de subsistencia, uma profissão como qualquer outra, começasse a compreender que é uma vida falsa, ridicula, baseada na mentira, que já pouco rende porque o povo mais esclarecido deixou de temer o inferno que eles inventaram e as excomunhões debaixo das quais vive bem mais tranquilo porque não sustenta parasitas nem vê o lar invadido por essa sombra negra, e que breve chegará o dia em que o padre para não morrer de fome, precisará ter os bens de fortuna necessarios para a sua subsistencia.

Quanto ás vocações... essas foram sempre muitissimo raras e vão desaparecendo á medida que a sociedade avança.

E os generais negros, vendo esta debandada constante, reunem as poucas forças que ainda lhes são fieis e tentam dar uma ultima batalha que obedecendo a um plano habil talvez lhes traga uma vitória ficticia mas que lhes permita aguentarem-se algum tempo mais.

Loucos! Não veem que hoje as nações se batem pelo petroleo e pelo carvão e passam indiferentes ao incenso e ás bençãos de Roma!

Desvaira-os o grito que reboa dentro do Vaticano—*Religio depopulata!* o eco da famosa profecia de S. Malaquias. Tremem perante as estatisticas como a que nos enviaram de França e da qual destacamos alguns numeros:

A diocese de Amiens para 900 egrejas tem 400 padres; Beauvais que, segundo um jornal, religioso necessita (gostavamos de saber para

quê...) pelo menos 650 padres, tem apenas 415 dos quais 116 são sexagenarios e 45 septuagenarios; Pamiers tem 80 paroquias sem titulares; em Lyon faltam 200 vigarios; Versailles tem 818 igrejas sem padres; em Tulle não chegam a 50 os padres com menos de 40 anos; a diocese de Paris não está mais bem fornecida e sem saber onde os arranjar visto como antigamente os ignorantes e humildes camponeses de Aveyron e da Haute-Loire, povoavam os seus seminarios, mas agora... nem esses!

Entre nós as coisas não lhe correm melhor...

O camponio, que antigamente considerava a suprema honra, o motivo de maior orgulho, ter um filho padre, começa a mandar os filhos para profissões mais simpaticas e uteis á sociedade.

Não compra bulas, nem se preocupa com indulgencias.

Só em Lisboa estão vagas oitenta freguezias sem que o cardeal patriarca encontre maneira de as prover. (1)

Foram-se os deuses, vão-se os padres, o carnaval agonisa.

Das antigas fantochadas, religiosas ou pagãs, não restará dentro em pouco mais do que uma recordação esbatida nas paginas da historia.

Avança-se no caminho positivo, despresam-se os mitos e não se acredita no que a sciencia não pode demonstrar.

Mas da Roma, cerrada a todo o progresso, tentam renovar a nefanda guerra religiosa quando o mundo precisa de paz e o regimen pacifico por excelencia é a democracia porque é a vontade dos povos, e a democracia moderna é absolutamente laica.

Não nos iludamos: esse aparato de forças é o estertorar do moribundo, mas cuidado, porque a mais pequena vitória que eles alcançassem seria efemera mas seria a quéda ainda que momentanea de todos os principios de liberdade adquiridos com tantos sacrificios, seria o esmagamento da consciencia humana, seria o arrancar ao povo todas as suas prerogativas, seria o esfarrapar da democracia, seria o aniquilamente do progresso que é a vida da Humanidade!

A força ficticia que lhes empresta o verem-se á beira do abismo é efemera mas não é para desprezar: mais um pouco de boa vontade, um golpe decisivo e energico e essa instituição caduca, arquitectada em mentiras, desmoralisada pelos seus processos venais, terá deixado de existir, deixando o campo aberto ao expandir da inteligencia que o clericalismo atrofia, ao robustecer da vontade que o medo do inferno amolenta, ao desabrochar da vida inteira, ao culto da Natureza, do Bem e do Belo que a sotaina deturpa!

(1) Acerca de Portugal não damos mais esclarecimentos por não desejarmos tornar por enquanto conhecidos os elementos que a este respeito temos em nosso poder.

CAPITULO VII

A intervenção da Espanha — Propaganda do tratado — Imposições do clero — Um artigo da Constituição espanhola — Intransigencia religiosa — A ditadura militar — O rei de Espanha assina o tratado

Procurando adesões

Em todas as nações onde a Companhia de Jesus e o clero dominem, onde as trevas da reacção clerical tornem os espiritos mais acanhados, que estejam manietados pelo fanatismo religioso, a ideia da restauração da realesa papal é bem aceite.

Sendo um feudo de Roma não só acham muito natural que os outros se submetam á mesma escravidão como até se regosijam por verem que o poder do *seu senhor* aumenta.

Desejando segurar o projecto do restabelecimento do poder temporal do papa, o autor do famoso tratado pensava fase-lo o mais extensivo possivel obtendo para isso a assinatura d'outras nações.

Não era certamente aos paises ligados á Alemanha e Austria para os mesmos crimes que poderia ir buscar apoio visto como pertenciam a religião diferente...

Mas o chefe da propaganda boche tinha os conhecimentos necessarios e a sagacidade precisa para não se embaraçar com tão pouco: Matias Erzebrger sabia muito bem onde se havia de dirigir...

A Espanha catolica, a Espanha *neutral*, com esta neutralidade tão dubia que conservou durante a guerra, será um pilar magnifico para o edificio que a quadrilha famosa pensava edificar sobre as ruinas da Italia.

A Espanha cristianissima, que para não desmerecer da *neutralidade* da Santa Sé ligando-se aos irladores de tratados; para não desmerecer da *Santa* companhia do seu diléto filho Inácio de Loiola, desde Ordem que durante a guerra se conservou *neutra oficialmente e germanofila oficiosamente*, se encarregou, foi como voz corrente de abastecer os submarinos que iriam meter a pique os navios hospitais, os navios de passageiros, como «O Lusitania», «O Gallia» e tantos outros; a Espanha *neutral* que não ouvia os gemidos das vitimas que ela assim ajudado a assassinar, para se encher do ouro que iria desbaratar com os seus *matadores* a fim de sentir as sensações fortes e selvagens da vista do sangue e dos cavalos estripados nas praças de touros, porque não podia ver o estrebuchar doutras vitimas.

A Espanha de Loiola auxiliando todos os latrocinios dos imperios centrais em troca do *vil metal* para esbanjar em Marrocos porque as mãos que se habituam a passar as contas do rosario, a folhearem o livro de missa, a segurarem nas tochas, quasi sempre manejava mal a espada...

O campo de batalha tem mais espinhos e é menos cómodo do que as lages das igrejas...

A catolica Espanha seria um precioso auxiliar no audacioso plano que se formára.

A Espanha, berço da Domingos de Gusmão, a Espanha dos Inquisidores, a Espanha patria de Loiola, a Espanha onde ainda ha pouco o ministro das finanças, Pedregal, teve de abandonar a sua pasta porque

antava dar um pouco de liberdade de consciencia á nação, era o complemento desejado para as maquinações que se urdiam.

O clero espanhol esmaga a liberdade

A saída de Pedregal do ministerio demonstra bem o espirito que mais ou menos se mantem sempre em Espanha.

Pedregal abandonou a sua pasta porque o governo, amedrontado, recusou modificar o ultimo paragrafo do artigo II da Constituição que diz:

«...Nenhuma outra cerimonia ou manifestação publica, a não serem as da religião catolica, será autorisada.»

Isto quando a Espanha, aderindo á Sociedade das Nações, está obrigada a conceder a liberdade religiosa aos que não são catolicos!

Mas os orgulhosos bispos espanhois, com a feroz intolerancia do clericalismo romano que esmaga tudo e todos quando se julga bastante forte, insurgiram-se num veemente manifesto e os liberais, sem a coragem das suas ideias, sem apoio por o numero dos seus adeptos ser pequeno e sentir-se coacto, uma triste manifestação de cobardia, recuaram!

As ideias do governo, eram rasgadas e precisamente por esse facto o espirito fradesco sentiu-se ameaçado; o clero viu em perigo o seu predominio e ergueu-se arrogante e violento para defender as suas conveniencias.

O cardeal Soldevila, arcebispo de Saragoça, escrevia uma carta ameaçadora ao governo liberal, especie de *ultimatum* da Santa Sé, avisando-o de que no caso de tocarem no famoso artigo II seria o mesmo que cortar imediatamente as relações com o Vaticano o que na realidade não era um grande prejuiso, mas que assustava pavorosamente a fradesca Espanha, onde parece que ainda se vive o seculo XV...

D'aí a demissão quasi imediata de Pedregal que não poude vencer a tempestade.

Desencadeavam-se as paixões e as coleras, mas esse tufão não era apenas motivado pelas crenças religiosas ou pelas convicções arreigadas...

Não se tratava só duma reacção catolica: era a reacção dos interesses que sentindo-se lesados ou ameaçados se defendem raivosamente.

A luta pela liberdade

Esta fase recente da politica espanhola foi um episodio da luta que dura ha longos anos, da luta do liberalismo contra o velho fanatismo intransigente, que no meio da universal evolução das ideias esmaga o país para se poder manter.

Quando das montanhas da Biscaia, ensanguentadas pela guerra civil, escorreu por fim a vitoria dolorosa que se obtem sobre os cadaveres de irmãos, o fumo dos cirios desvaneceu-se um pouco, a legião das monjas encerrou-se mais no fundo dos mosteiros: uma tenue aragem de liberdade espalhava-se sobre a patria de Domingos de Gusmão.

O clero, altivo e preponderante, amuou-se e para o trazer junto da

corôa foi necessario laborar a concordata com o Papa, em 185[illegible] onde, primeiro do que tudo, figurava a clausula:

«A religião catolica é a religião do Estado. Qualquer outra religião é interdita.»

«O governo prestará o seu apoio aos bispos, quando eles lho peçam para se opôr a qualquer empreendimento capaz de preverter os fieis, para impedir a publicação, a introdução e a circulação de maus livros»

A censura revivia; o clero era soberano!

Mas o fundo de liberdade que existe em todas as creaturas, por mais opressora que seja a sua educação, exasperou-se e foi talvez esta tirania que preparou a revolução de 1854.

Foi efemero esse movimento. Isabel II poude anunciar que manteria «a tradicional acção comum da Egreja e do Estado.»

O Papa manifestou-lhe o seu agrado mandando-lhe a celebre *Rosa de Ouro*, que tambem por cá tivémos a recompensar a protecção aos jesuitas...

Quando, depois da Restauração de 1614 se tratou de elaborar a Constituição houve um momento de panico, infundado de resto, visto que na Constituição de 1876 figura no começo que «a religião catolica é a unica religião do Estado.»

Em todo o caso, para dar uma leve tinta de ideias modernas, houve o *arrojo* de admitir o principio de tolerancia para os outros cultos.

A Santa-Sé protestou contra este facto que não passava de uma ilusão graças á clausula:

> «São *interditas* as manifestações e cerimonias publicas de qualquer religião que não seja a religião do Estado.»

Por esta forma não só era proibido aos que não fossem catolicos qualquer acto do seu culto na via publica como até mesmo a mais pequena insignia sobre as paredes exteriores.

Intransigencia e fanatismo

A intransigencias sobre as manifestações de qualquer culto que não fosse o catolico chegava a ponto tal que se tornou notorio o seguinte facto:

Ha anos constou em Madrid que a mãe da rainha Vitória Eugenia queria abrir na capital de Espanha um templo protestante e que tencionava para ter uma capela do seu culto no proprio recinto do palacio real.

Este simples facto excitou por tal forma as opiniões que só á força de desmentidos foi possivel acalma-las.

No espirito do clero é que o rancor se não desfaz com facilidade. A ideia da princeza Beatriz alarmou os arraiais catolicos, porque representava um perigo que poderia vir a ter consequencias serias, dada a situação da pessoa que agitava esse assunto.

Tão longe foi o rancor levantado pela intolerancia clerical que um padre, esquecendo as regras da diplomacia, da correcção, da gentileza e até do bom gosto, envolveu no mesmo sentimento mãe e filha...

Querendo anatematisar as modas exageradas e as Damas que as usam

vam, o reverendo fez acompanhar a preleção que do alto do pulpito fazia, com a exibição de fotografias das senhoras que curvando-se á moda usavam decotes exagerados, o que muito o escandalisava.

Entre os retratos das damas estigmatisadas no sermão, os fieis viram surpreendidos passar o da sua formosa soberana, a rainha Victoria Eugenia!

Foi grande o escandalo e o *ministro do senhor* viu-se atirado para uma enxovia como premio do seu tão pouco diplomatico zelo...

Agarrada á tradição e ao preconceito não viu o padre que o mundo avança e as ideias tambem.

Foi esse avançar de ideias que fez caír a pasta das mãos de Pedregal.

Outrora Canalejas lembrou-se de mostrar que politica e religião eram duas coisas que se não podiam confundir: morreu assassinado.

Agora Pedregal, pertencendo ao *partido reformista*, quiz mostrar que *reformista* vem de reforma, portanto que havia a fazer algumas reformas á Constituição de Janeiro de 1876...

Essas reformas impunham-se especialmente no famoso artigo II que trata da religião catolica e dos outros cultos em relação com o Estado.

Bastou o vago esboço deste gesto para desencadear a tempestade.

O clero espanhol tocou a reunir e resolveu tomar imediatamente a ofensiva sob a forma duma activa propaganda eleitoral, de forma a garantir aos ultramontanos a maioria no Parlamento.

O cardeal Soldevila, representando o nefasto grupo, declarava terminantemente ao governo:

— «Se tocam no artigo II daremos ordem para votar contra os candidatos liberais!»

Por sua vez o Vaticano, falando em terreno conquistado, dizia arrogantemente:

— «Se tocam no artigo II cortaremos as relações diplomaticas!»

Parece que no fundo de todo este alarme havia o receio de que atrás do artigo II viesse a questão congreganista pois segundo o correspondente especial em Madrid de «L'Homme Libre» o governo pensava apresentar um projecto de lei para um novo regime das congregações.

Ponto de extraordinaria importancia nos meios religiosos de Espanha pois os tesouros acumulados por certas Ordens espanholas, estão avaliados em quantias fantasticas.

O estatuto relativo aos bens da Igreja estabelecido pelo governo Canalejas, permite que, no caso em que a oposição latente do alto clero, que tão frequentemente cria serios embaraços ás autoridades espanholas, se continue a manifestar, o Estado possa apreender numerosas riquesas das quais as congregações não poderiam justificar a posse legal.

Canalejas foi assassinado, o seu famoso artigo ácerca das ordens religiosas é letra morta, mas existe e com ele o perigo para os interesses do opulento clericalismo.

E quando se trata do *vil interesse deste mundo de miserias* os prelados esquecem tudo, até mesmo o proprio credo, para a defesa da colectividade, da seita e dos seus interesses monetarios.

A ideia religiosa

Para vermos quanto pode o espirito sectario em volta da ideia religiosa, temos o exemplo, do que se deu na Russia: alguns sacerdotes foram condenados, não pelo seu caracter sacerdotal como perfidamente se quiz fazer acreditar, mas precisamente abstraindo esse caracter e simplesmente, igualitariamente, como traidores ao regime vigente na sua Patria.

No congresso do clero monarquico, russo, em Karlovitz, foi decidida a luta contra o regime dos *soviets* por meio da fome, da derrocada economica, das doenças!

O antigo patriarca Tikhon chegou a falsificar os canones da Igreja para provocar o odio dos fieis contra os *soviets*,

Foi intensa a sua actividade contra-revolucionaria: ordens ao clero, hostis aos *soviets;* preces publicas pela victoria dos exercitos que lhes eram contrarios; relações com as organisações monarquicas do estrangeiro; exortações ao povo para se rebelar contra a tomada dos objectos preciosos do culto — e que os havia estonteantemente opulentos — a favor dos famintos.

Isto já não era contra os *soviets* — era contra a humanidade!

O proprio Tikhon, ao ser interrogado quando lhe foi instaurado o processo, confessou como verdadeiros quasi todos os pontos da acusação.

A liberdade religiosa é absoluta na Russia: cada qual pode entrar nas igrejas á hora que lhe apetecer, resar quando quizer, ajoelhar-se e bater no peito que ninguem lho impede.

Mas se o exercicio da religião é absolutamente livre, a propaganda anti-clerical gosa dos mesmos direitos.

A condenação de alguns padres facciosos, com a publicação do respectivo processo, veio mostrar ao publico a hipocrisia desses senhores recusando banais objectos, absolutamente dispensaveis mas em metal precioso, que iriam auxiliar, e até salvar, tantos milhões de famintos, que o mundo inteiro, compadecido, tentava socorrer!

Pelas estatisticas que se estabeleceram foi possivel calcular o seguinte:

Trocando por trigo os tesouros das quatro Igrejas principais, dos riquissimos oitocentos conventos e das sessentas mil igrejas existentes na Russia, todos os famintos dessas regiões seriam alimentados durante dois anos e sobejaria ainda o dinheiro necessario para organisar mil e quinhentas escolas agricolas, comprar três mil maquinas destinadas á agricultura e comprar sementes para dez colheitas sucessivas!

A publicação destes dados e dos processos-crime que foram a sua consequencia, chamou a atenção do povo russo para a questão religiosa analisando-a como ela merecia...

Foi então que a corrente anti-religiosa se reforçou especialmente na Russia do sul.

Em Kharkov os operarios judeus reclamaram a transformação da sinagoga em club operario;

Os trabalhadores das minas de sal de Bakhmatch decidiram transformar a sua igreja numa escola;

No distrito de Nikolaiev, a juventude operaria judaica, expulsou o rabino duma sinagoga e instalou aí uma escola;

Os operarios de quasi todas as fabicas e oficinas teem reclamado

no sentido de se transferir o descanço semanal para outro dia que não seja o domingo.

Vendo que a ideia religiosa está em perigo, os que vivem á custa dessa ideia esquecem todas as dissidencias para se lembrarem apenas dos seus interesses de *classe* e reunem-se num *sindicato* famoso para se defenderem.

O cardeal Dubois ao lado de Israel Levy, do protestante Gruner, dos anglicanos, dos ortodoxos!

Israel Levy esqueceu os seus antepassados que as fogueiras dos cardeais Dubois devoraram; Gruner não se lembra dos seus correligionarios afogados pelos catolicos; o arcebispo de Paris, o cardeal Dubois, passa uma esponja sobre a recordação das perseguições de Calvino aos fieis da religião romana.

Depois de seculos de furia entre eles, estes senhores esquecem o caracter especial de cada uma das suas crenças e descobrem que «teem todos no coração os mesmos sentimentos de universal fraternidade no Pai do ceu!» E todos reunidos publicam um protesto «contra a perseguição religiosa na Russia» quando essa perseguição não existe mas sim uma indiferença tão absoluta pelas religiões que o caracter sacerdotal não consegue cobrir os crimes que os varios padres estão habituados a cometer impunemente.

Mas na Russia os governos sovieticos desprezam essas prerogativas porque socialistas e comunistas, segundo eles mesmo declaram, «são anti-clericais porque viram sempre a Igreja associada ás potencias de reacção politica e economica».

A ideia religiosa vai desaparecendo da Russia; Israel Levy não se lembra que foi em nome da *ideia religiosa* que sob o imperio dos tzares se efetuaram os *pogroms* e os inimigos seculares reconciliaram-se á beira do perigo em que veem os interesses comuns á seita religiosa!

Não admira portanto que o clero espanhol, ligado todo nos braços de Roma, se erguesse tremendo, furibundo, ante os seus interesses monetarios ameaçados pelo espirito de liberdade que por momentos perpassou em Espanha.

E' nesses fugitivos momentos de liberdade que por veses se dão raparações infelizmente sempre tardias, como foi o resultado da revisão do processo de Ferrer.

Quando o mal já não pode ser reparado, os tribunais de Espanha vem dizer com cinismo que Ferrer estava inocente, mas deixam impunes os assassinos do espirito livre representado por esse martir do ideal!

E junto dele reviveram as torturas da Inquisição colocando ao lado do apostolo da escola moderna a sombra execranda do padre que ele repelia mas que lhe imposeram como suprema afronta ao seu ideal, como suprema tortura nas suas ultimas horas que deveriam ao menos respeitar já que fria e cobardemente lhe iam arrancar a vida *sabendo* que o bom, o justo Ferrer estava inocente!

Que importava mais um crime a quem, cometera o crime de homicidio voluntario, com a agravante da premeditação, levado a efeito nos fossos de Montjuich?

Rei e ditador

Enquanto o mundo avança, o clero em Espanha faz recuar até caír no despotismo mediévo com a supremacia do clero, os seus *frailes* e

monjas e a ditadura real de Primo de Rivera e Afonso XIII, o monarca liberal nas ocasiões propicias, mas que se curva a todas as reacções, e que, segundo as afirmativas de Indalecio Prieto, foi o conivente de Primo de Rivera...

Prieto não tem sombra de duvida que o rei sabia da revolução, suspeitando até que tivesse sido o seu promotor.

Baseia estas deduções no seguinte:

«Quando do Congresso Scientifico de Salamanca, realisou-se um banquete, durante o qual Afonso XIII declarou a alguns intimos que lhe ficavam proximos que se tornava indispensavel fazer na Espanha o mesmo que Mussolini fizera na Italia, dando-se o governo a um directorio militar, visto não haver, pessoa com as qualidades do chefe fascista.»

Dias depois o diario madrileno *La Voz* publicava uma entrevista com o deputado Villalobos, representante do circulo de Bejar, em que se relatavam essas inconfidencias.

«Todos os generais revoltosos são amigos intimos do rei. Os embaixadores da Espanha, em Roma, Paris e Londres, foram informados do que se projectava, com muita antecedencia, e não seriam capazes de calar-se, se suspeitassem que Afonso XIII não entrava na conjura.

Na noite da revolução, o ministro dos Estrangeiros, o sr. Alba, tentou adverti-lo em S. Sebastian, onde os dois se encontravam, do que acabava de ocorrer em Barcelona, mas viu claramente que não lhe dava nenhuma novidade.

O chefe da sua casa militar, o general Millans del Bosch, achava-se no segredo da conspiração. Admitir-se-ía tal coisa se não conhecesse as intenções do seu senhor?»

O *fascio* encontrou na Espanha pretalicia e fanatica o terreno propicio para se desenvolver; o rei pseudo-liberal deu a mão ao ditador que já lhe fala d'alto e impõe a sua vontade, dudo isto filho da disposição especial em que a Epanha se encontra graças á atmosfera monastica que sempre a tem envolvido.

Conhecedor profundo dessa disposição, do meio, e da supremacia do alto clero influindo na vontade fraca do doentio monarca, Erzeberger, compreendeu. com a sua fina astucia de chefe da mais astuta propaganda que tem existido, que o seu plano seria cordealmente aceite.

Não foi traída a sua espectativa: o rei que poucos anos depois se entregaria jubiloso nos braços da ditadura militar, aceitava sem a mais pequena relutancia o atrevido plano da restauração da realeza papal!

O rei de Espanha aprovou o tratado e pelas suas clausulas, tornou-se uma das figuras preponderantes nessa maquinação tenebrosa.

A acção de destaque que lhe estava reservada, se essa intriga tivesse ido por diante, está indicada no proprio texto do tratado que adiante analisaremos.

O rei de Espanha, sob a influencia e talvez sob a pressão clerical, ligava-se a Benedito XV, Guilherme II e Carlos d'Austria, punha o seu concordo no famoso tratado. Era conivente no crime contra a liberdade do pensamento humano, era conivente no crime de retalhar o coração da Italia, tripudiava antecipadamente sobre a agonia dos vencidos!

CAPITULO VIII

A espionagem em Portugal — Campanha contra a intervenção na guerra — O «hino da carta» num banquete diplomatico — Visitas misteriosas do nosso representante na Alemanha — Uma revolução germanofila — A legação portuguesa no Vaticano — Funciona no Porto o «Santo Oficio»

Entendimentos com Portugal?

A espionagem alemã, tão habil como a sua propaganda que Erzeberger dirigia espalhava por toda a parte os fios da enorme teia que envolvia tudo e todos por forma tão subtil que os alvejados por essas manobras não as percebiam.

Portugal não constituia excepção a esta regra: os traidores disfarçavam-se para se imiscuirem em todos os meios.

Quem eram? Sabe-se lá! Só por acaso ou por um habil estudo se podiam conhecer.

Ora o acaso não se deu e esse estudo habil não houve quem a seu tempo o fizesse.

Mas por muitos cuidados que haja sempre ficam pequenos rastos que podem ser seguidos até chegar á descoberta da verdade.

Agora, a distancia, torna-se mais dificil e demorado, sim, mas não impossivel; é questão de tempo, paciencia e perseverança.

As alemães pululavam em Portugal, como de resto por toda a parte, afectuosos, sorridentes, amaveis, conquistando simpatias mas... sempre alemães.

Mas não era só aos seus compatriotas que a camarilha do Kaiser recorria para a alta espionagem...

O repugnante serviço era bem pago e mascarado debaixo de tal *inocencia* que muitas pessoas irreflectidamente *caíam*...

O português, que adora o seu pais mas tem o pessimo costume de viver em admiração perante o estrangeiro, de dizer mal da sua terra desde o momento que lho não digam a ele porque então revolta-se, que é na maioria pouco reflectido, era um bom auxiliar, inconsciente, da espionagem alemã.

Mas se estes eram prejudiciais á sua patria outros havia, verdadeiros criminosos e dos mais repelentes, que conscientemente esqueciam tudo para só pensarem no interesse proprio.

Lá fóra tambem havia traidores á nossa querida patria mas esses, encontrando-se em terreno propicio, descobriam mais o seu jogo...

Sem má vontade, friamente, apenas tirando deduções de factos por todos conhecidos e reservando o que está secreto pois como não temos ainda a documentação completa esperamos ocasião oportuna para esclarecer o publico, vamos analisar o que entre nós se passou durante o periodo da guerra comparando com os acontecimentos passados em Italia quando *Guilherme, Francisco José & C.ª de Jesus* preparavam o campo para as suas façanhas.

Procedemos sem pensamento reservado nem desejo de represalias; apenas consignamos alguns factos que podem servir de elementos para a historia e que ilucidarão o publico auxiliando as suas deduções.

Esta analogia entre o que se passou na Italia e em Portugal é uma prova evidente de que os processos eram os mesmos portanto tendo a mesma origem.

E essa origem demonstra á evidencia donde partiu a dolorosa situação creada á Republica Portuguesa.

Quando a propaganda alemã não conseguia, apesar dos mais instantes esforços, evitar a comparticipação das nações na guerra ao lado dos aliados, voltava esses esforços no sentido de, por qualquer forma, revoltar a população para impedir a continuação da guerra.

Desmoralisar os soldados, as familias, comprar os dirigentes, provocar revoluções internas, a tudo os governantes da *kultur* recorriam para evitarem a interferencia na obra de justiça contra eles.

Os processos hipocritas a que recorriam mostravam bem que eram orientados pela *Companhia de Jesus* que depois fazia dizer ao mundo, pela boca do arcebispo de Bordeus, que «tinha sido de acordo com a franco-maçonaria que a Alemanha desencadeára a guerra sobre a Europa!»

Procura-se conseguir a neutralidade de Portugal.

Não prevendo o belo gesto de Portugal, a Alemanha não preparou habilidosamente o *terreno* para evitar esse gesto e só quasi á ultima hora começou a trabalhar nesse sentido.

Na Italia, mais em jogo, e que pela sua situação era uma ameaça tremenda para os interesses germanofilos, na Italia pedia-se a neutralidade e eram os italianos que a pediam... impelidos sem o saberem pelos agentes dos representantes do kaiser, o cardeal von Gerlach chefe da espionagem e Erzeberger ministro das Finanças e chefe da propaganda.

Em Portugal fez-se uma enorme e repugnante campanha contra a nossa intervenção no conflito europeu, e quando ela foi um facto procurou-se uma sedição dizendo ao povo que os portugueses iam para a guerra vendidos a um tanto por cabeça!!

Que aviltante atitude e que triste criterio!

Que singular maneira de ver teem algumas creaturas pondo acima da justiça, do bem, da dignidade propria o seu mesquinho odio politico!

O gesto de Portugal era tão belo, era duma tal grandesa, precisamente por sermos pequenos, que o espirito acanhado, invejoso e egoista dos difamadores o não poude compreender.

Era a afirmação da raça, desta raça de valentes e idealistas, estava-nos na indole, mas eles são tão pequeninos que não podiam compreender a grandesa desse acto; rastejavam, não podiam acompanhar o vôo da aguia que nos transportou ás regiões da Flandres.

E depois o medo, o medo pavoroso de entrarem em campanha...

E alguns deles eram ainda mais do que tudo isto: eram traidores vendidos á Alemanha, vendidos aos jesuitas que manejavam a guerra, eram espiritos acanhados pelo fanatismo religioso dobrando-se a todas as exigencias da Igreja!

Faziam o jogo do seu medo, do seu odio, e serviam os interesses dos outros dobrando servilmente a sua ficticia arrogancia.

O hino real como hino da Republica.

Quando ainda se não tinha dado a quebra das nossas relações com a Alemanha houve o celebre banquete oferecido pelo kaiser aos diplomatas estrangeiros, banquete onde se tocou oficialmente como hino de Portugal, o *hino da carta*.

O nosso representante, o representante da Republica Portuguesa, aceitou placidamente o enxovalho feito á sua patria e á Republica que ele representava e lhe pagava largamente e não teve ao sair daí o mais pequeno protesto, a mais insignificante mostra de se ter magoado!!

Já então pactuava com as ideias simbolisadas por esse hino como depois sobejamente demonstrou?

Que ligações deixou em Berlim o representante que de lá saiu *oficialmente* quando do rompimento das hostilidades entre Portugal e a Alemanha, mas que talvez se tivesse conservado *oficialmente* ao lado dos violadores de tratados, dos assassinos que tantos crimes cometeram!

Qual o fim de *certas visitas misteriosas* que ele fez a determinados pontos e que levantaram suspeitas tão graves nos aliados que passaram a vigia-lo?

Uma revolução suspeita.

Que compromissos tomou esse homem em seu nome e em nome de Portugal para dispôr dum auxilio secreto tão eficáz que lhe permitiu fazer a revolução para tomar de assalto o poder, ficando vitorioso?

Donde veio *ao certo* o dinheiro que custeou essa revolução? O capital e a igreja vivem estreitamente unidos, todos o sabem...

Não será profundamente suspeita uma revolução comandada por um homem que regressava da Alemanha, revolução feita ao grito de «abaixo a guerra», e tendo por fim colocar esse mesmo homem á frente do destino de Portugal?...

Em que pacto infernal se envolvera essa creatura que assim deixou ao abandono os seus irmãos que lá fóra glorificavam o nome português, sacrificando-os ao ponto de preparar a carnificina do 9 de Abril?

A que plano previamente combinado obedecia?

O que significava *a generosidade* de mandar prender portugueses que em Lisboa, em plena guerra com a Alemanha, censuravam os actos criminosos da nação inimiga comentando-os aspera mas justamente?

O representante de Portugal, o tratado, o Vaticano e a lei da separação.

E' preciso não esquecer que, quando o nosso representante saiu da Alemanha já o famoso tratado de Erzeberger estava elaborado e assente toda a maquinação urdida contra o espirito livre dos povos para dar ao papa o poder temporal.

Que combinações havia entre o referido representante e Erzeberger não se sabe... mas o que todos sabem é o reatamento das relações duma Republica neutra em materia religiosa e o chefe, *o quartel general*, duma determinada religião, que aqui foi a catolica.

Não sabe o publico que promessas o representante de Portugal teria feito sobre a ratificação do famoso tratado que o sangue da Italia firmaria, mas sabe que a Republica, apesar das suas dificuldades financeiras, restabelecia a legação no Vaticano, a *Republica Nova*, ou antes *arte nova*, que a *velha* tem-se limitado a deixar lá estar o escalracho que a *nova* arranjou...

Como o publico infelizmente conhece o esfarrapamento da grandiosa lei da separação do Estado e das igrejas, feito depois de estar no poder o que viera da Alemanha onde a quadrilha famosa tinha o centro das suas manobras nas quais entrava restabelecer a realesa papal e talvez a realesa de Portugal...

E sabe tambem que nas exequias oficiais, na Sé, o presidente da *republica arte-nova* se não foi recebido debaixo do palio pouco faltou pois foi recebido á porta da igreja e acompanhado quando se retirou pela cruz alçada e o ceremonial respectivo.

Foram todas estas habilidosas combinações, cujo verdadeiro fundo e a verdadeira origem não são conhecidos do grande publico, que prepararam a atmosfera doentia, que nos tem envolvido, amolecendo as vontades, favorecendo a eclosão de reclamações que nem no tempo do seu espaventoso apaniguado, nem mesmo durante a monarquia o clero ousára fazer.

Curioso manifesto clerical

Foi assim que num manifesto do Centro Catolico, em 1921, se formularam *reivindicações* estupendas que «os candidatos por ele apoiados deviam perfilhar» como efectivamente fizeram em pleno parlamento nos famosos projectos de lei que tão justamente irritaram o espirito liberal quando este ano foram apresentados.

Nesse manifesto de que, a titulo de curiosidade recordamos algumas passagens, reclamava-se:

> «1.º Entrega dos templos e objectos destinados ao culto, dos bens moveis e imoveis pertencentes á igreja e em poder do Estado e dos corpos administrativos, aos prelados e aos parocos em exercicio...»

quando os templos foram sempre propriedade do Estado que poderia e devia exigir renda para que neles se podesse exercer o culto.

Depois de varias outras exigencias vieram á sua ambição constante:

> «3.º Liberdade de ensino religioso nas escolas e estabelecimentos de instrução e de educação particulares, não podendo, pois, ser-lhes imposta a neutralidade de ensino».

E com tanta habilidade manobraram que sem a energia do povo republicano cioso dos seus direitos, sem a intervenção das comissões paroquiais do glorioso *Partido Republicano Português*, essa *liberdade* teria sido um facto.

E daí não iria mais do que um pequeno passo á

> «7.ª Faculdade de inscrição nos orçamentos do Estados e dos corpos administrativos de dotações para serviços de capelania destinados a assegurar o livre exercicio do culto

em internatos do Estado ou das ditas corporações tais como colegios, asilos, hospitais, prisões e hospicios.»

Exigia tambem o manifesto a

«Liberdade de associação religiosa...»

Liberdade de associação para quem tem, que neste momento me lembre a—Obra pia da Santa Doroteia, Congregações Marianas, filhas de Maria, Liga Eucaristica, Centro Catolico, a Juventude Catolica, a Liga de Acção Social Cristã, as Senhoras de Caridade, as Conferencias de S. Vicente de Paula, a Cruzada Nun'Alvares e as Oblatas de toda a especie, e, e... tanta coisa que até doi lembrar o que por ai se passa...

«6.ª—Supressão da anterioridade obrigatoria do registo civil para o baptismo. Reconhecimento da validade do casamento religioso, não se obrigando ao casamento civil os que áquele recorrerem e servindo a respectiva certidão de base ao subsequente registo civil obrigatorio...»

E para encerrar a colecção a liquidação completa:

«9.ª—Revogação de preceitos vexatorios e ofensivos da liberdade de consciencia, que figuram em diferentes leis.»

Eis o filho espurio deixado pelo dezembrismo e pelas suas nefandas ligações germanofilas!

A monarquia do Monte Pedral.

Podiam ficar secretas as negociações entre o chefe do movimento que triunfou a contento da Alemanha pela sua *divisa* de «abaixo a guerra» mas o que todos conhecem são os factos que deixo apontados chamando a atenção para as suas ligações, como tambem são conhecidas as relações entre a *republica arte nova* e a *monarquia do Monte Pedral*, no Porto, monarquia sem monarca mas com todo o seu caracter de clericalismo, com os processos inquisitoriais do Eden, onde os esbirros vinham de capuz como no *Santo Oficio*, onde se arrancavam as unhas e dilaceravam as carnes de Camilo de Oliveira por, tendo sido padre, rasgar a batina e caminhar para a luz, torturando-o entre os gritos selvaticos de odio feróz que por vezes se traduzia em frases elucidativas: «porque abandonaste a igreja? porque deixaste a religião?»

Sempre, sempre a nefanda religião esvurmando rancor, distilando odio, espalhando a guerra!

Como essa religião se torna repelente se pensarmos o mal que ela causa! todo o mal que ela tem causado!

.....

E' do dominio publico o que fica apontado; facilmente se tiram as conclusões inevitaveis sabendo que todos estes factos foram preparados pelo homem que, devido á sua situação diplomatica, estava em contacto com os principais factores do famoso tratado...

Sonharia ele tambem ser «um grande soberano catolico» como o da Austria?...

Pobre Portugal, nação altiva onde a liberdade tem sido sempre a ideia dominante: até onde teria sido comprometido o teu honrado nome?

CAPITULO IX

A redacção do tratado — Orcino pontificio toma o nome de «Estado da Igreja» — A delimitação — O presidente da comissão é escolhido pelo rei de Espanha — O papa senhor da terra e do mar — O tributo imposto á Italia

O Estado da Igreja.

O tratado para restaurar o poder temporal do papa foi estabelecido entre o pontifice Benedito XV, o imperador da Alemanha, o da Austria e o rei de Espanha.

No artigo 1.º estabelecia-se qual o territorio que devia constituir o reino pontificio, que tomaria o mesmo nome que tinha antigamente— Estado da Igreja.

O novo reino era instituido na formosa capital da Italia, era retalhando Roma, «esse relicario imenso, onde cada grão de areia é uma lagrima, uma gota de sangue humano» que se formaria de novo o reino da terra para aqueles que só recomendam e prometem o reino do ceu...

E' o seguinte o teor do artigo:

> «Artigo 1.º—O poder temporal do papa é reconhecido pelas potencias contraentes num territorio que compreende alem da colina do Vaticano uma facha do terreno que a liga com o Tibre e com a linha ferrea de Viterbo, e toma o nome de Estado da Igreja.
>
> A linha do limite do Estado da Igreja começa na margem ocidental do Tibre na embocadura do fosso, estende-se pelo lado oriental e lado nordeste do Castelo de Santo Angelo, vai até á rua Crescenzio, fim da praça do Ressurgimento, segue a circunvalação dos jardins do Vaticano no seu ponto mais ocidental, daí corre em direcção meridional até á linha ferrea de Viterbo e segue esta linha em direcção sudoeste até á estação de S. Pedro que ai está compreendida, depois corre em linha reta ao lado sul de Santo Onofre, segue pelo lado norte do Jardim Botanico e liga novamente á margem ocidental do Tibre. O territorio precedentemente descrito está marcado na planta. (1)
>
> Uma comissão composta por três representantes da Santa Sé, três do reino de Italia, e um presidente nomeado por Sua Magestade o Rei de Espanha, deve, imediatamente á ratificação deste trabalho, fixar e marcar a linha delimitadora conforme as precedentes disposições.
>
> A divergencia de opiniões da comissão será resolvida pela maioria.»

(1) Temos em nosso poder um desenho desta planta.

Se o territorio do Estado da Igreja não tinha a vastidão dum imperio nem porisso a sua importancia era menor visto como a superfície do terreno não impedia o absolutismo do governo do seu soberano.

A grande importancia aqui é o lado moral da questão e as prerogativas concedidas ao papa juntamente com esse terreno, os poderes que o tratado lhe outorgava, terminantemente exaradas em clausulas que a seguir transcrevemos.

Restaura-se a soberania papal.

Ao mesmo tempo que era reconhecido o poder temporal do papa, as varias nações comprometiam-se a formarem como que uma aliança para a defesa dos dominios pontificios, aliança perpetua, visto como esse poder insultante para as ideias libertarias e progressivas era reconhecido e estabelecido para todo o sempre.

Assim vejamos o que diz o tratado:

«Art. 2.º—O Estado da Igreja é *para sempre* independente e neutral. A sua independencia e neutralidade são garantidas por *todas* as pótencias contraentes.» (1)

Agora a afirmação retumbante cuspida como um escarneo sobre o sangue generoso derramado ao transpor a Porta Pia nesse memoravel 20 de Setembro; o ultrage lançado á memoria dos patriotas sacrificados durante tantos anos na ara do amor da Patria cuja unificação sonhavam a paz da liberdade:

«Art. 3.º—O soberano do Estado da Igreja é o papa.

E tinha-se luctado tanto, num esforço epico, num sonho de epopeia, para quarenta e tantos anos depois se calcar a recordação dessa lucta gloriosa e restabelecer o papa-rei, rei da terra quando aquele que o famoso vigario, pretende representar a todos dizia—«O meu reino não é deste mundo!»

E seria no coração da Italia, gotejando sangue por uma derrota que os seus inimigos sonhavam, que se cravaria o punhal envenenado dessa infame traição para que a sua agonia fosse mais prolongada e mais dolorosa! Era a satisfação dos sonhos da Austria; era o desforço clerical do 20 de Setembro de 1870; era a vingança da Alemanha que não conseguira vergar á sua vontade, á sua espionagem, á sua propaganda, á gentilesa dos seus diplomatas, a todo o seu habil plano defectista, a nobre, a generosa, a altiva Italia!

O papa senhor dos mares.

Não bastava o golpe dado na Italia com a cruel mutilação que lhe preparavam, ainda a sobrecarregavam com imposições humilhantes e dispendiosas como estava consignado no artigo 5, que transcrevemos:

(1) O italico no texto dos artigos é nosso.

«Art. 5.º—O reno da Italia é obrigado a, dentro de dois anos depois de ractificado o presente tratado, tornar navegavel o Tibre em toda a extensão do Estado da Igreja e daí até ao mar de maneira que possa ser crusado por navios com cinco metros de profundidade de imersão.

Os navios papais podem em todos os tempos percurrer o Tibre até ao mar, e o oceano, em todas as direcções sem estarem sujeitos por qualquer forma á soberania do Estado Italiano. No caso que a Italia se encontre em estado de guerra ou queira por qualquer outro motivo fechar a navegação do Tibre ao trafico geral, deve ser conservada uma linha de navegação livre para os navios pontificios e ser-lhe-hão concedidos pilotos.

Os navios do papa são considerados por todas as potencias contraentes, tanto em tempo de paz como de guerra, extra-territoriais e não suspeitos a nenhuma interferencia de qualquer nação estrangeira. Não deverão porem servir de asilo ou transportarem pessoas ou coisas que não seja no *exclusivo interesse da Igreja catolica ou do Estado da Igreja.*»

Esta ultima clausula é, como se vê, duma *elasticidade* completa...

Calcula-se uma *neutralidade* como a que Benedito XV manteve durante a grande guerra, tendo a servi-la a liberdade absoluta de transportar dum para outro lado, armamento, munições, alemães e austriacos a coberto da declaração de que era «no exclusivo interesse da Igreja catolica ou do Estado da Igreja»!

Não falando em que o papa podia preparar a guerra no coração da Italia com qualquer potencia, se isso lhe apetecesse.

Era o completo dominio nos mares era o papa podendo mascarar-se de Nétuno, sendo sempre o *quos ego*... suspenso, da mesma forma que tem suspensa a ex-comunhão sobre todos que lhe não agradarem, da mesma maneira que domina o oceano da vontade e da consciencia dos que tem acorrentado ao jogo das suas doutrinas falsas, curvados sob o peso do dogma ridiculo e inverosimil!

Væ victis.

E' sabido que o odio clerical não cança, que o seu rancor se conserva atravez dos seculos, que a sua sêde de vingança é insaciavel!

E dessa forma, se o restabelecimento do poder temporal do papa atingia o mundo inteiro, era a Italia que ele visava particularmente porque fôra a Italia que o derrubára, fôra a Italia que na libertação do mundo ferira de morte esse poder tão absoluto quanto absurdo.

E não se lembram que o verdadeiro culpado desse facto por Pio IX abjurando as ideias liberais que o tinham elevado ao solio pontificio, retirando a constituição que sob a influencia das ideias francesas dera ao povo, negando todas as reformas que prometera aos liberais de quem era o candidato, tornando-se mais retrogrado do que o proprio Lambuschini apoiado pelos absolutistas de quem era o representante.

Se Pio IX tivesse querido, se não se tivesse curvado ás imposições dos jesuitas e reaccionarios, João Maria Mastai Ferretti sob o nome de Pio IX teria sido o senhor da Italia.

O grito triunfal de *Viva Pio IX* equivalia para os patriotas e liberais ao grito de *Viva a Italia!* Mas depois o remar subito para o

obscurantismo e toda a serie de processos que deram em resultado... a brecha da Porta Pia!

E queixam-se dos liberais quando só de si proprios se deveriam queixar!...

Mas rancorosos pelo facto, sem quererem analisar os motivos, querem fazer cair sobre a Italia todo o peso do seu odio!

E no tratado levam o desplante a este cumulo:

> «Art. 6.º—O reino da Italia pagará á Santa Sé, dentro de seis meses depois da ratificação deste tratado, a soma de 500 milhões de liras, destinadas a cobrir a despesa da *Corte Pontificia* e da Administração do Estado da Igreja.»

Pois se eles, na sua famosa religião, declaram que os filhos teem de pagar os *pecados* dos pais até á quinta geração, como perdoariam á Italia o *crime* praticado em 1870?

Crime, sim, porque tendo chegado ao ponto a que chegaram os liberais italianos, tinham feito mais um pequenino esforço e estirpavam completamente esse cancro que roi a sociedade e as consciencias—o papado!

E porque foram generosos, grandes, magnanimos, consentindo ainda no coração da Italia aquele que eles poderiam ter esmagado como um pequeno verme enrolado no casulo inofensivo das suas escomunhões, respondo-lhe o inimigo eterno, o clericalismo, como disse Gambetta, com a afronta dessas clausulas que lhe iriam satisfazer a sordida vingança!

Dir-se-hia que foi para esta gente que o povo compôs o seu conhecido proverbio—«Quem seu inimigo poupa nas mãos lhe morre».

Apressa-se a execução do tratado.

No receio que a presa lhes escapasse, anciosos por verem em pratica o plano maquiavelico que tinham formado, não esqueceram de consignar nesse memoravel tratado, a pressa com que deveria ser posto em execução. Assim o artigo 9.º foi destinado a marcar bem essa clausula, como se pode ver:

> «Art. 9.º—Depois da ratificação deste tratado as potencias contraentes convidarão imediatamente todas as potencias que o subscreverem, a reconhecer o poder temporal do Papa no territorio especificado no art. 1.º, e a extra territoriedade dos navios papais, prevista nos art. 3.º e 5.º.»

O solicito Erzeberger, como se vê, tudo previa ao redigir esta farça macabra!

Mas ele no seu servilismo e os seus coroados cumplices, arrogantes, altivos e desdenhosos, não querendo ver o que se passa abaixo dos degraus do seu trono, só esqueceram uma coisa—a vontade do povo, que ambiciona a liberdade, do povo que não admite o retrocesso nem conhece as subtilesas da diplomacia interesseira, do povo que é humilde e docil mas que num dado momento, quando percebe que está sendo mistificado, quebra cadeias, transpõe montanhas, derruba os gover-

nantes, passa por cima dos tronos, e olhos fitos na luz radiosa que se ergue no horisonte, estende para ela os braços,calca indiferente tudo quanto o possa separar da redenção que aspira!

Poderiam os chefes das nações, fanaticos, absolutos, retrogrados, cùpidos ou coactos reconhecerem o restabelecimento do poder temporal do papa, mas o povo erguer-se-hia numa sublime altivez, com essa força indomita da abnegação e da firmesa de principios que ele sabe mostrar quando lhe querem cercear as suas prerogativas conquistadas com tantos sacrificios e tantas dificuldades e irromperia formidavel por uma nova Porta Pia, derrubando o novo reino e o respectivo *rei* e acabando então para sempre com esse poder insolente de Roma que o tem mistificado durante tantos seculos e tem sido a causa principal dos seus sofrimentos e da escravidão em que tem agonisado !

CAPITULO X

Telegramas de Amelia de Orleans, Manuel de Bragança e do governo português — O fim dos cumplices do tratado — Morte de Erzerberger

Epilogo triste.

Triunfou a justiça, venceu a razão. A vitoria dos aliados inutilisou o tratado; foi o sangue dos herois que apagou as formulas em que fôra redigido esse tenebroso projecto, foi a sua metralha que inutilisou as paginas ignominiosas!

Gloria aos martires! Gloria aos herois!

Dir-se-hia que esse projecto á força de revoltante indignára o proprio Deus a ponto de fazer cair o peso de sua colera sobre todos que nele tinham colaborado.

Pelo menos era o que se diria se os factos se invertessem e não faltariam os gritos de: «foi o dedo de Deus, foi a punição de tantos pecados, a misericordia divina castigou-os, etc., etc. Nós limitamo-nos a constatar os factos que na sua maioria foram devidos aos progressos da evolução social, dessa evolução que os cumplices de Erzeberger não quizeram ver, tentando, pelo contrario, o retrocesso.

Vejamos o que acontece mal terminada a guerra:

Benedito XV, o principal interessado desta intriga, morre aos 68 anos sem ter visto satisfeita a sua ambição, assistindo impotente á derrocada do seu sonho!

Telegramas notaveis

A proposito da morte de Benedito XV vamos abrir um pequeno mas curioso parentesis no nosso relato:

Nos telegramas recebidos no *sacro colegio*, quando da morte do pontifice, ha dois que nos interessam particularmente: um deles é assinado por *Rainha Amelia de Portugal*. Rainha de Portugal em 1922?

Efectivamente temos por vezes a impressão de que Portugal ainda é reino tais os abusos monarquicos que se toleram...

O outro tem entre o texto «...a Rainha e eu...» e é assinado por —Manuel R.

O que significará este R? Reprovado, reprobo ou reinadio? Talvez este ultimo visto acompanhar uma dama que se intitula rainha sem nunca ter reinado nem ter tido reino...

E ela será rainha de reinação... ou rainha de opereta?
Falta só a musica de Offembach...
Não nos importaria que essas creaturas usassem tal alcunha se isso não deprimisse até certo ponto, perante o estrangeiro, o regime vigente em Portugal.

Um telegrama do governo português.

Ha ainda um terceiro telegrama a que não podemos deixar de nos referir: é o telegrama que o governo português mandou ao nosso representante junto do Vaticano para apresentar os sentimentos pela morte do papa.
Dado o reatamento das relações de Portugal com a Santa Sé era indispensavel que se fizessem esses cumprimentos mas o que é estupendo é recordar com desvanecimento um facto que magoa o espirito liberal—o esfarrapamento da lei da separação, o dispendioso restabelecimento da legação portuguesa junto do Vaticano, actos devidos ao torvo dezembrismo, a epoca nefasta em que Portugal foi vexado sendo o teatro de processos absolutamente barbaros, isto pondo de parte o que teve de anti-republicano e anti-patriotico.
O telegrama enviado pelo governo português ao nosso embaixador junto do Vaticano era concebido nos seguintes termos:

> «Apresentar ao *Sacro Colegio* as condolencias pela morte de Sua Santidade o Papa Benedito XV, sob o pontificado do qual teve logar o reatamento das relações entre Portugal e a Santa Sé.»

Isto é completo e tão eloquente que nos dispensamos de comentarios.

O tragico fim da farça.

Voltemos ao nosso assunto:
Benedito XV morre.
Carlos da Austria vê desmoronar todas as suas ambições; derrubado o trono onde se sentava, preso, proscrito, morre ainda novo na terra do exilio.
E quanto a ser *santo* é ainda muito problematico, apesar dos *milagres*...
Guilherme II, despota que pensava dominar o mundo, atirado fóra do seu imperio em seguida ao risco de ser julgado pelos horrorosos crimes que praticára (como se podesse haver punição suficiente para eles!) vê escoarem tristemente os seus dias aborrecido por todos!
Atacado por um amor senil declarava nas vesperas do seu casamento:
—«Sou o homem mais feliz do mundo por possuir o amor duma tal princesa!»
A recordação dos seus crimes não o perturbava, o pensamento não lhe vagueava pelos campos de batalha onde se amontuavam as carnes trucidadas de tantos milhões de vitimas imoladas á sua louca ambição!
Agarrado a esse tão recente passado de tragedia podia ser *o homem mais feliz do mundo!*
E enquanto o luto cobria ainda o mundo inteiro convulsionado

pelos resultados do gesto de Guilherme II, o Nero moderno gosava vida farta e tranquila sonhando novos amores e escrevendo placidamente o amontoado de formidaveis mentiras que atirou para a luz da publicidade com o nome de *memorias* suas e que lhe rendeu a bonita soma de três milhões com que o editor lhe pagou!

Sorrindo-lhe ainda a vida desde que se sentiu em segurança, pediu ás glandulas do macaco o regresso á sua juventude dissoluta e o prolongamento da sua vida abominavel.

Esperança louca!

Foi inutil a operação no sentido que as experiencias scientificas tinham alcançado mas eficaz no sentido de lhe tornar o caracter brutal ainda mais irascivel...

O velho monstro vive abandonado á sua sorte porque ninguem o pode sofrer!

A princesa «cujo amor o tornava o homem mais feliz do mundo» desligou-se inteiramente dele tendo talvez só agora reparado no sangue que escorria das garras do repelente abutre.

Nem amor, nem princesa, nem amigos (que nunca os teve...) nem imperio, e quasi que nem servidores que o detestam e não o podem aturar.

Entregue á meditação provocada pelo isolamento, sentirá algum dia o sofrimento purificador dos remorsos?

Recompensa habitual.

Matias Erzeberger, o redactor do tratados o seu ardente propagandista, e astuto diplomata que urdira toda essa teia criminosa, tinha um fim tragico:

No dia 27 de Agosto de 1921, passeando na *Floresta Negra*, duas balas homicidas estoiram o craneo de Matias Erzeberger...

Quem disparou essas balas?

Quem as mandou disparar?...

Talvez os seus proprios cumplices, talvez mesmo os que lhe tinham metido na mão a pena com que escreveu o tratado, talvez esses de quem Benedito XV, Carlos de Habsburgo, Guilherme II e Afonso XIII não eram mais do que os instrumentos, a fachada vistosa dum lobrego edificio—A Companhia de Jesus.

E' que Matias Erzeberger estava senhor de todos os fios da intriga, conhecia pormenores demasiadamente comprometedores, podia falar, podia escrever e demais escrevera ele já...

Matias Erzeberger era aqui o punhal de que o assassino se serve e deita fóra assim que pratica o crime, para que a arma o não comprometa...

Foram dois rapazes que dispararam os tiros de revolver que vitimaram o antigo chefe da propaganda *boche*...

E' sobejamente conhecida a acção funesta exercida pelos jesuitas sobre o espirito da infancia e da mocidade; a historia conserva o nome tristemente celebre de rapazes ainda na adolescencia que foram o instrumento de crimes dos jesuitas...

Os cumplices de Erzeberger desfazendo-se dele destruiam uma testemunha perigosa e ao mesmo tempo vingavam-se da mudança das ideias do antigo deputado catolico.

Erzeberger achára mais prudente e sobre tudo infinitamente *mais*

pratico ir acompanhando as varias correntes á medida que se iam tornando seguras...

Arrogante e altivo enquanto julgou segura a vitoria, tornou-se melifluo e conciliador desde que viu certa a derrota: foi um dos signatarios do armisticio, como fôra o redactor do tratado que restabeleceria o poder temporal do papa sobre o territorio dos aliados vencidos.

Ministro da fazenda no imperio era estimado por todas as classes populares da Republica onde tinha logar proeminente.

A *Correspondencia Socialista Majoritaria*, publicou um violento artigo por ocasião do assassinato de Erzeberger terminando por um apelo ao chanceler Wirth que devia saber que a morte do seu amigo Erzeberger arrastaria os operarios cada vez mais para as esquerdas. «Erzeberger, morreu, porem o seu espirito deve sobreviver se se quizer evitar uma nova revolução» afirmava o citado artigo.

O sagaz Erzeberger, não podendo tripudiar sobre os vencidos aconselhava harmonia e amisade pelos vencedores...

Quando da sua morte o jornal *L'Oeuvre* frisava o papel moderador desempenhado pelo *leader* do centro acrescentando:

> «Erzeberger prégou sempre aos seus compatriotas, que a sua honra e salvação era a aceitação das condições de paz que êle assinára, aconselhando-os a procurar alivios ao tratado de Versailles, não por velhacarias mas por uma franca submissão. Em todos os discursos Erzeberger repetia que a conciliação do povo vencido era a necessaria condição do seu levantamento, e da paz da Europa.»

.....

Não foram bem conhecidos os pormenores da morte de Erzeberger porquanto a unica testemunha que os poderia relatar, o deputado bavaro Dietz que passeava com Erzeberger na ocasião do atentado, houve a precaução de o inutilisar.

Não o mataram mas Dietz foi ferido tão gravemente que não poude falar nem ver tudo quanto se passára...

Que documentos importantes traria consigo Erzeberger?

Quem lhos teria suprimido?

Perguntas que não teem resposta pois os criminosos poderam proceder á sua vontade...

Não havia testemunhas...

.....

O vento da desgraça soprou rijo sobre os autores do tratado famoso...

Nas essa mesma desgraça foi provocada pelo procedimento dos interessados, pelos seus crimes, pelos seus atropelos á justiça das gentes e ao avançar dos povos...

Esse vento de desgraça foi, pelo menos quanto a Erzeberger, soprado pelos principais interessados, foi a esponja apagando para sempre essa pagina viva onde estavam traçados factos que era absolutamente necessario para os interesses do colosso que nunca fossem conhecidos.

Salva *a honra do convento* que importava o resto?

CAPITULO XI

Roma não desarma — A tatica clerical — O Vaticano e a ocupação do Ruhr — O odio prégado nas igrejas

O perigo continua

Finda a guerra, derrotados os imperios centrais, normalisada a vida ativa das nações, parece que o perigo do predominio papal findou e se desvaneceu entre as nuvens de fumo dos ultimos tiros. Engano, puro engano! O perigo persiste latente, espreita-se o momento de obter o triunfo porque Roma não desarma, os seus apetites não se desfazem, as suas intenções são sempre as mesmas.

O projecto de Erzeberger falhou? Segue-se uma tatica diferente, contanto que se atinja o fim que teem em vista.

E essa tatica, para quem esteja prevenido e observe atentamente, vai-se revelando.

Por toda a parte, especialmente nas nações mais liberais, se ergue a lucta pela religiosidade do ensino servindo-se para isso directa ou indirectamente das creaturas tidas como mais insuspeitas. Ha bem pouco tempo tivemos esse exemplo entre nós...

Assaltam-se os parlamentos para arrancar habilmente concessões que até mesmo quando parecem inofensivas são sempre altamente perigosas pelo precedente que abrem e pela habil interpretação que os interessados lhes podem dar.

Tem sido reconhecida a lucta em França, o berço da liberdade, mas especialmente o senado francez vela pelas leis da Republica, sem vontade de as deixar mutilar.

No parlamento português, onde monarquicos e catolicos se apresentavam absolutamente hostis entre si para melhor iludirem a vigilancia dos republicanos, mostra-se subitamente o disfarce com dois projectos, um de cada uma das facções reaccionarias, projectos que se completavam um no outro e onde se exigiam para os secretarios de Roma vantagens, privilegios que nem gosam nas nações enfeudadas ao catolicismo e que nunca tiveram em Portugal nem mesmo nas epocas de maior predominio do heaterio.

E ao mesmo tempo desenvolve-se um plano mais grave: para conseguirem os seus intentos, do Vaticano sopram as cinzas ainda fumegantes deixadas sobre os campos de batalha, para fazerem sair a faisca que ateará noxamente o incendio, que talvez possa levar outra vez aos horrores da guerra os povos que julgam proceder por sua livre vontade quando no fim de contas são manejados sem o saberem pela Roma dos padres de quem vão satisfazendo os desiguios e pela Companhia de Jesus que por sua vez maneja os padres...

O actual pontifice, que de começo se mostrava liberal, disposto até a arrastar com a excomunhão do *Silabus* visto estar na tenção de «aceitar e acompanhar o progresso», que resolvera quebrar a *perrice de garoto mal educado* de Pio IX, encerrando-se no Vaticano, já foi abafado pela mortalha negra da intrasigencia; o tal soldado que está ao pé do trono já lhe apontou ao peito a ponta da espada, e Pio XI que parecia ir desempoeirar o retrogrado Vaticano, lá está gastando o seu tempo em baboseiras que vão consolidar a Companhia de Jesus, decretando varias coisas entre elas *nomeando* Inacio de Loyola patrono

de todas as associações e reuniões de qualquer especie que se entreguem aos exercicios espirituais.

A famosa Companhia, que alem do segredo de fazer cadaveres vivos possui o de reduzir o cerebro dos que lhe caem debaixo da alçada, como se diz que fazem os habitantes do Peru que possuem o segredo de reduzir ao tamanho dum punho um craneo humano, já empregou esse processo para reduzir o cerebro de Pio XI, transformando-o num objecto oco.

E' que o jesuita é como o verme que roi a noz: tira-lhe todo o suco, todo o valor, deixando-lhe uma aparencia normal...

Provavelmente prometeram ao actual papa canonisa-lo a meterem-lhe fragmentos de ossos em relicarios, conforme os espirituosos versos de Béranger falando em nome dos jesuitas:

> Un pape nous abolit; il périt dans les coliques. (1)
> Un pape nous rétablit; nous en ferons des reliques.

Mas que S. Santidade se acautele e não se fie demasiadamente em tais amigos... Dos lados da Russia parece que sopra um vento pouco seguro e até o que chamam S. Pedro, quando o povo em revolta ameaçava o mestre, disse:—«Eu não conheço este homem...»

O Vaticano fomenta a guerra

Quem ousa aí dizer que Roma, a *inocente* Roma, é a causa desses ruidos sinistros precursores do desencadeiar da guerra, é a responsavel dos acontecimentos tragicos desenrolados com a ocupação do Ruhr?...

Certamente ninguem pensa em tal.

Sua Santidade mandou até um embaixador especial á região ocupada, monsenhor Sesta, para, com conhecimento de causa, poder intervir na pacificação e pela Pascoa publicou uma enciclica fazendo a todos os catolicos um apelo a favor da paz ameaçada.

Mas o peor é que o endiabrado Erzeberger, ao facto de tudo quanto se passava entre os bastidores onde se ia desenrolando a intriga e representando a comedia das aparencias, lembrou-se um belo dia—a 9 de Janeiro de 1921—de dizer a certa altura do seu discurso em Radolfzell, diante duma assembleia catolica:

> «O povo alemão ainda hoje conserva numerosos amigos, A Santa Sé está cheia de benevolencia pela Alemanha. Sem a intervenção do Santo Padre não teria havido tantas concessões ao povo alemão. **Ainda hoje é Roma a potencia que assinala constantemente, sem que isso salte aos olhos a impossibilidade de executar o tratado de Versailles.**»

Estas palavras, pronunciadas *perto de dois anos antes* do conflito da ocupação do Ruhr, mostram bem a sua origem...

Pela sua parte os jornalistas catolicos e monarquicos, os padres, os redactores da *Croix* e dos *Pelerins* entregam-se a formidaveis diatri-

(1) As *celebres colicas* de Pio X, Ferrata, etc.

bes excitando o odio entre a Alemanha e a França e do pulpito das igrejas caem palavras de odio selvagem.

Monsenhor Fiandaca, bispo da Sicilia, escreve ao arcebispo de Colonia como que a sugerir-lhe um novo massacre dos franceses semelhante ao que a historia regista com o nome de «Vesperas Sicilianas» e perfidamente insinua:

> «Filho do Etna *(que vulcão lhe ruge lá dentro!...)* e habitando o país das Vesperas, conpreendemos a exasperação contra a França.»

Esta questão do Ruhr é um assunto onde se agitam formidaveis interesses monetarios e onde esteja o deus *capital* lá está a igreja catolica, sua fiel aliada.

A finança, a alta industria e o clero vivem estreitamente ligados, cobrindo hipocritamente as suas chagas cancerosas com a tunica singela do martir do Calvario, e constituem os maiores perturbadores da paz mundial.

A paz!

A bemfaseja paz que fugiu espavorida da Europa convulsionada!

E enquanto os povos se degladiam, Roma continua o seu trabalho sinistro, tentando a todo o custo alcançar o poder temporal.

.....

Deixo apontados os planos e as combinações para o espantoso tratado do poder temporal do Papa, tratado que é a vergonha das nações que o subscreveram, a afronta para o espirito de liberdade de todo o mundo e a humilhação para o país que se premeditava retalhar a favor da seita negra.

Que este exemplo possa servir ao povo provando-lhe que de Roma se ateia sem cessar a eterna lucta do clericalismo contra a liberdade, mostrando-lhe que tem de se conservar sempre em guarda se não quizer ver esmagada debaixo da sotaina a liberdade da consciencia, o espirito livre de preconceitos, se não quizer ser a victima do fanatismo religioso e dos interesses mesquinhos que lhe andam ligados.

FIM